

RODRIGO OTÁVIO FILHO

O
POETA

MARIO
PEDERNEIRAS

Renascença Editora - Rio

The above is a list of

books given to

the library of the

University of

Cambridge

1811

1812

1813

1814

1815

As Vaya Nels,
poeta querido,
esta simples palavras
sohu ntes querido
pacto -
Teme.

O POETA MARIO PEDERNEIRAS

Rodrigo

Rui
Lacio 34.

to help
make
also
other
from -
green

Green

Green

RODRIGO OTAVIO FILHO

O Poeta
Mario Pederneiras

RENASCENÇA EDITORA
RIO DE JANEIRO
1933

Deste livro foi tirado uma edição especial de vinte exemplares, em papel Bandeirante, numerados de I a XX e rubricados pelo autor

DO AUTOR:

EDUCAÇÃO CIVICA — 1916. (esgotado)

ALAMÊDA NOTURNA — (Poemas) — 1922. (esgot.)

O FUNDO DA GAVETA — 1924. (esgotado)

OSORIO — 1931.

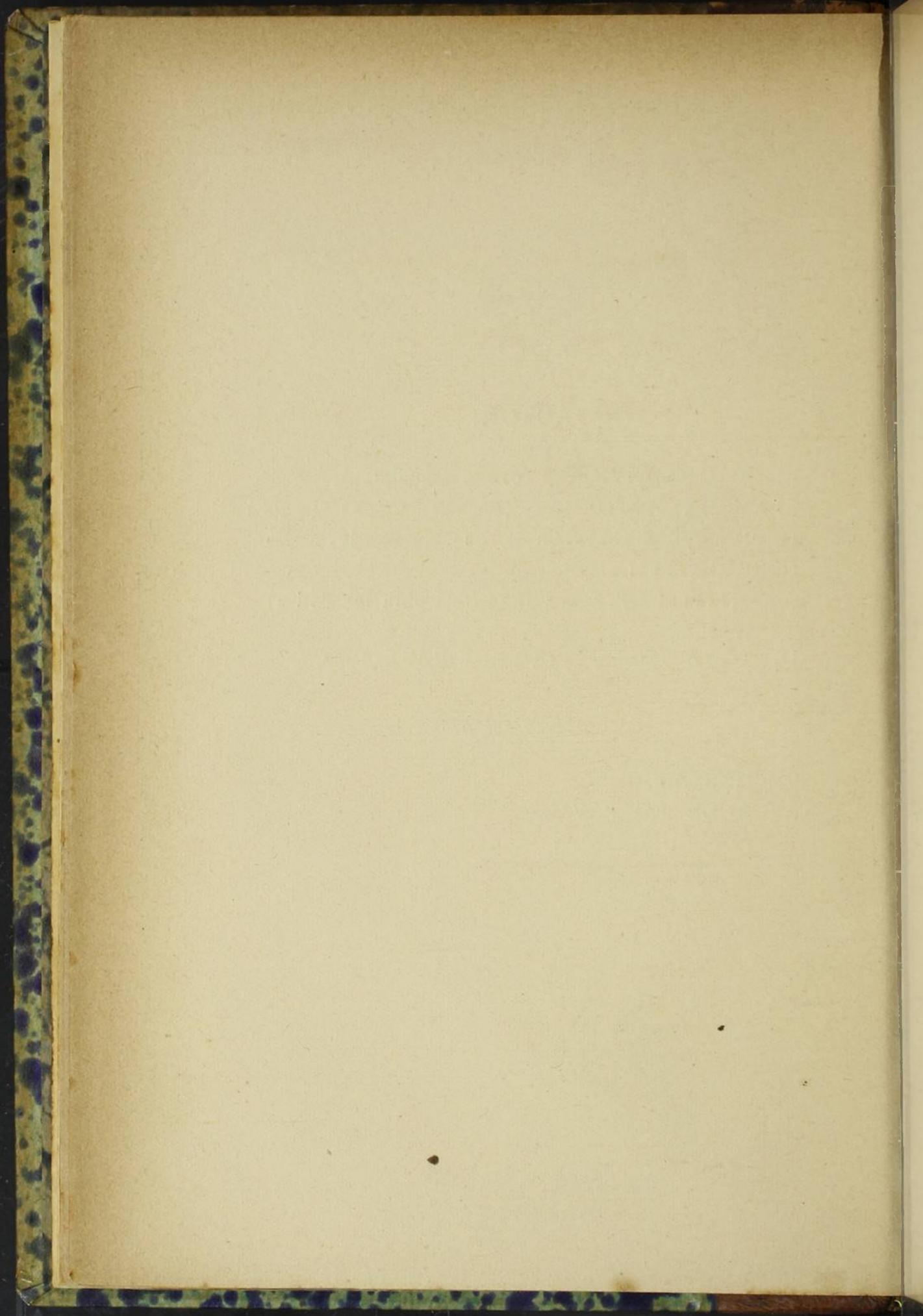
A CONSTITUINTE DE 1823 (Sua obra legislativa) —
1932.

O POETA MARIO PEDERNEIRAS — 1933.

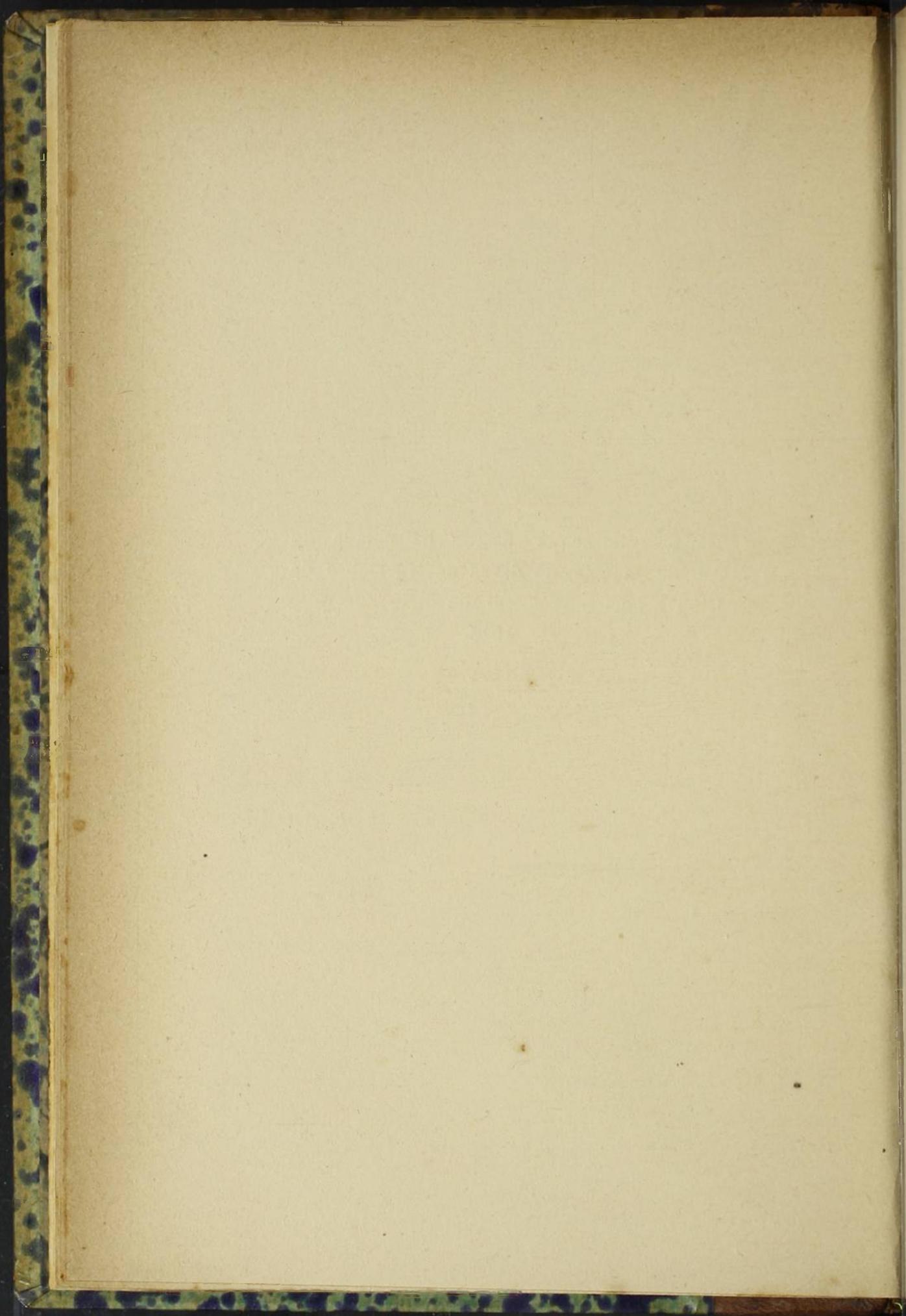
Em preparo:

VELHOS AMIGOS.

A CAUDA DO PAVÃO.



Mario Pederneiras nasceu na cidade do
Rio de Janeiro, no dia 2 de Novembro de
1868 e nela faleceu, no dia 8 de Fevereiro
de 1915.



*A Alvaro Moreyra
e
Felippe D'Oliveira,*

estas paginas de saudade.

R.

PASSEIO SENTIMENTAL

As palavras que escrevi sobre Mario Pederneiras, são apenas uma reverencia á memoria de um grande poeta.

Não me seria possivel fazer critica de sua obra, uma vez que ela representa os melhores momentos de minha adolescência espiritual.

Foi o jardim de sensibilidade onde os meus olhos espantados, de menino, viram nascer, pela primeira vez, flôres estranhas...

E como jardineiro, eu ainda prefiro as flôres do meu jardim...

*
**

Concordamos com estas palavras de *Ronald de Carvalho*: Mario Pederneiras é um poeta ainda mal julgado, especialmente se levarmos em conta a impressão deixada por sua poesia na das novas gera-

ções. Dos poetas do seu tempo, é ele o mais pessoal, o mais humano, o mais duradoiro (1).

E adiante mostraremos também que Mario Pederneiras foi o mais *moderno* poeta do seu tempo.

Não deixou discípulos.

Deixou, no entanto, alguns imitadores.

*
**

Em torno de Mario Pederneiras, em sua casa, na redação de Fon-Fon!, onde ele estivesse, era o ponto de convergência dos *novos* poetas.

Naquele tempo, (entre 1910 e 1915) os versos de Mallarmé, Verlaine, Laforgue, Samain, Rodembach, emocionavam mais os jovens poetas brasileiros do que o pôr-do-sol, na baía de Guanabara...

Hoje os poetas cruzam os ares e as nuvens no dorso dos aeroplanos. Alimentam o espirito com a velocidade com que percorrem as estradas. E a grande guerra, creadora do arado que revolveu o sentimento humano, semeou as idéas, que hoje são velhas arvores cheias de frutos maduros...

(1) *Pequena Historia da Literatura Brasileira*, 3.^a ed., pag. 402.

Logicamente, as emoções de hoje não são, nem podem mais ser, as emoções de ontem.

Mas, naquele tempo, o simbolismo (com y) dominava. E Mario, carinhosamente perdoava e mesmo encorajava, o exagêro com que todos cantavam os *tristonhos canais* e certo *ar brumoso*, que nunca existiram em nossa linda terra, de sol tão claro e céu alegre!

É que Mario amava a liberdade. E sabia que a arte nada mais podia ser do que a resultante da liberdade das sensações do espirito. E é bem certo que a emoção de um poeta, tanto pode nascer de uma impressão de leitura, do panorama de uma fabrica em atividade, do progresso estonteante da radioeletricidade, como de uma paisagem crepuscular ou de um beijo de amôr...

A liberdade de inteligencia, porem, é o que nos distingue ainda dos outros animais, e torna diferentes, tambem, os homens: os que fazem da inteligencia a propria vida e os que da vida nada fazem.

Precisamos aproveitar essa liberdade e mesmo explora-la: tanto na vida como em literatura... E quando Mario sorria, ante as estravagancias espirituais de seus

jovens amigos, bem sabia que o tempo se encarregaria de leva-los ao bom caminho.

A sua propria obra era um exemplo: fôra o poeta mais palavroso e nefelibata de sua época. E tornou-se o mais simples dos poetas brasileiros.

*
**

Mario Pederneiras, como homem, sofreu. Foi por isso, um poeta triste: *la douleur, il n'y a rien de tel pour élargir l'esprit*, escreveu o esquecido *Anatole France*.

Foi tambem poeta que jamais ambicionou glória ou mesmo, popularidade. O seu prazer espiritual era lêr os seus versos aos poucos amigos que o cercavam.

E quando só, na contemplação da vida ou da natureza, o seu grande amigo consolador era o cigarro *boemio e fantasista*, irmão preciso e gêmeo de sua alma de artista.

*
**

Pouco se queixava da vida.

No entanto, escreveu:

Queixas da vida! Quem as não têm?
Só o burguês e o burro...

Demais... Qual o Poeta
Que se não queixa da vida?

E em *Caminho Errado*, Mario diz:

Eu preferia ter nascido
Um pesado burguês redondo e manso,
Alimentado e rude;
Desses que vivem a vender saúde,
Cuja vida incolôr e sem sentido,
É um comodo vale de descanso.

.....

Viver assim... Sem Deus e sem Idéa,
Ou ter um Deus que receberam pronto
E Idéas que os outros conceberam.

Para terminar dizendo:

Não maldigo, entretanto, o Destino culpado,
Que, ingenuo me ensinou este Caminho errado.

*

**

Verlaine aconselhou que se estrangulasse a eloquencia.

Foi um bom consêlho.

E Mario, tinha horror á eloquencia.

O que fará imortal a sua poesia, é a simplicidade:

Abro a janela e espio...
Que magnifica tarde brasileira,
Toda mistura d'oiro, azul e jalde!
Vês? É o Estio,

A fecunda estação que me ataranta...
E no verde de uma arvore fronteira,
Já se instalou e canta
A primeira cigarra do arrabalde.

*
**

Mario lia muito. Tinha, porem, acen-
tuadas preferencias pelos poetas francêses
e belgas do fim do seculo.

Flaubert era o seu romancista. E o
jornal dos *Goncourt* era lido e anotado.

Do Brasil o mais amado era *Machado
de Assis*. E tinha um encanto especial por
Cruz e Sousa e *B. Lopes*.

Entre os portugêses, preferia *Fialho
de Almeida* e era grande o seu carinho
pela poesia de *Eugenio de Castro*, *An-
tonio Nobre* e *Cesario Verde*.

Só gostava da musica popular.

E do fado disse lindas cousas simples:

Eu móro perto de uma vacaria,
Cujo vaqueiro,
Tipo d'ilhéu simpatico e trigueiro
E de feição sadia
Quando o bairro
Descansa adormentado
E a saudade da terra ao coração lhe fala,
A alma insular consóla e embala
Na dolencia nostalgica do Fado.

E eu bem me lembro da vacaria e do vaqueiro. E também, dos lindos fados que ele cantava e que eram toda a história da mágoa portuguesa, ecoando pelo veludo das noites brasileiras...

*
**

André Maurois, mestre em biografias, afirma que boa ou má existe uma biografia moderna.

E pensa, que, se o biógrafo é honesto, deve evitar exclamações como estas: eis aqui um grande rei, um grande ministro, um grande escritor; envolvendo o seu nome, foi construída uma lenda; e é esta lenda e ela somente o que eu desejo expôr. Não. O que o biógrafo moderno deve pensar e dizer é o seguinte: eis aqui um homem. Possuo sobre ele um certo número de documentos e de testemunhas. Vou procurar fazer um retrato verdadeiro. O que ele será, não é possível ainda dizer. E não desejo mesmo saber-lo antes de o terminar. Estou pronto a aceitá-lo como a resultante de uma longa contemplação do modelo e a retocá-lo sempre que surgir um fato novo (2).

*
**

(2) *Aspects de la biographie*, p. 21.

Quem tiver a paciência de ler as páginas que se seguem, verá, que não encontrando trabalho de crítica, não encontrará também uma biografia.

Fará, no entanto, um passeio sentimental, contemplando o panorama simples da alma de um grande poeta.

UM CONTO DE FADAS...

Eu devia começar contando uma história: tão linda que mais parece um conto de fadas.

Foi Rodemback quem me ensinou a história da Musa e do Poeta. A Musa tinha os olhos azues e nos cabelos o ouro dos trigais e o Poeta era dono de uma alma incompreensível neste mundo tão cheio de amarguras e irreverências. A história é conhecida. No entanto, é bom lembrar que, por vezes, surgem, dentro da turba vulgar, criaturas raras. Mas surgem; e vivem com a cabeça nas nuvens, sem sentir que os pés pisam a terra.

E para eles existe uma coisa que é um pouco mais do que a vida.

*
**

Certa vez caminhava a Musa por uma cidade pouco hospitaleira, seguida por um

bando maravilhoso de cisnes brancos. Eram os cisnes toda a sua riqueza. E não encontrando pouso, a pobre Musa pedia a uns, implorava a outros, que lhe dessem um pouco de conforto e um pouco de agua limpa para seus cisnes brancos. Cansada de esperar e de pedir, ia seguindo a Musa o seu caminho.

Uma castelã prometeu-lhe pousada e ofereceu aos cisnes um grande tanque, onde, em promiscuidade, centenas de aves aquaticas, das mais variadas raças, viviam e nadavam.

O orgulho da Musa recusou tal hospedagem: seus cisnes reais, unica riqueza que possuia, não podiam banhar-se em aguas que não fossem puras! Naquele tanque, outras aves comuns arrastavam a vulgaridade de uma penugem sem lenda e sem historia...

E quando maior era o seu desconforto, encontrou, num deserto canto de rua, um adolescente de olhos claros que assim lhe falou:

— Eu te amo. O teu cabelo é como o cabelo das Rainhas; tens todo o ouro das corôas no teu cabelo. Viverás comigo e amar-te-ei a ti e a teus cisnes brancos!

— Mas quem és tú?

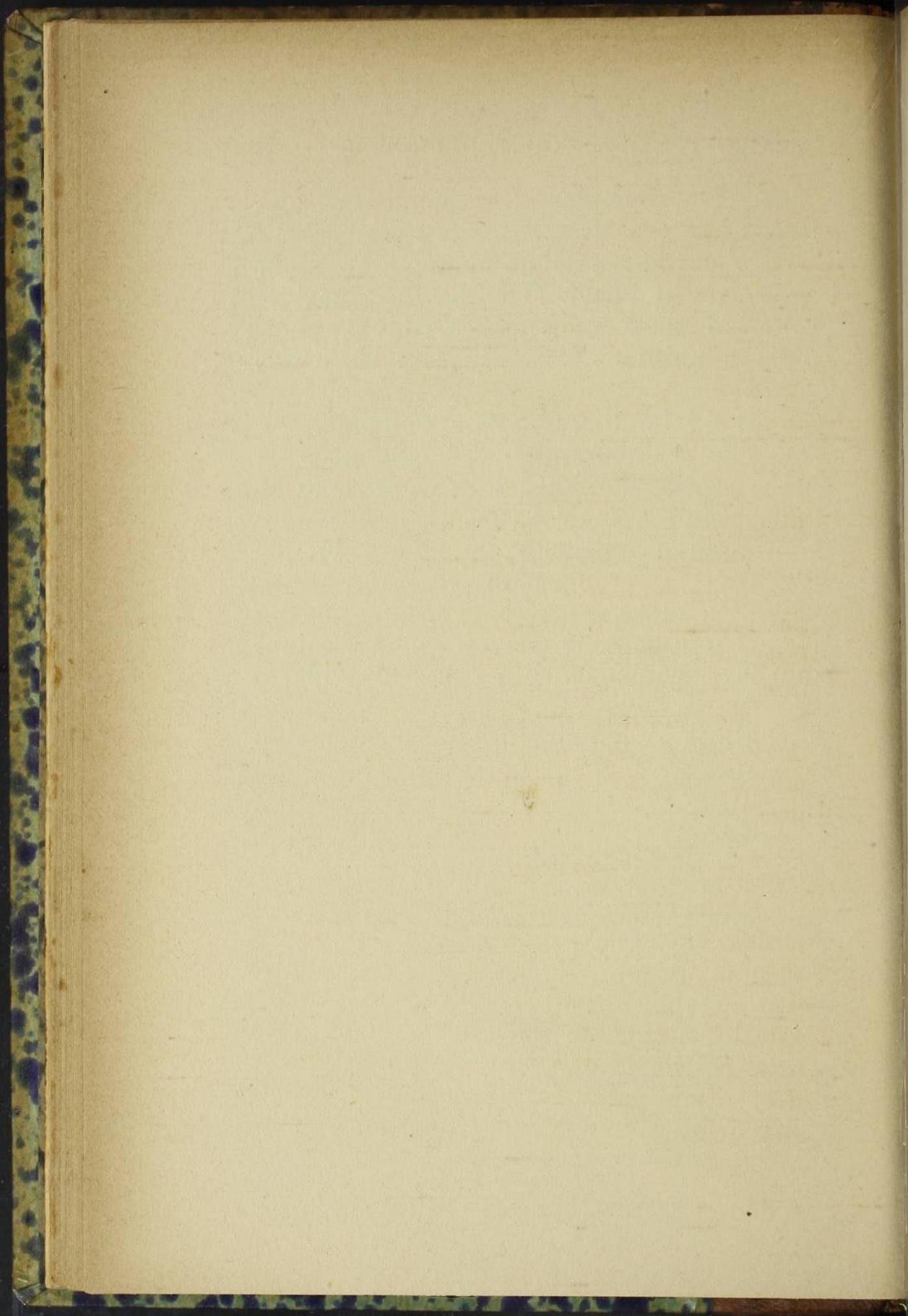
— Sou um Poeta! respondeu o adolescente.

E uniram-se então num longo amôr a Musa e o Poeta. O corpo da Musa revelou ao Poeta todos os segredos do amôr e tinha todos os ritmos das ondas e dos astros!

E no lindo sonho que sonharam, viram que o linho fresco das roupagens da Musa se transformou num imenso lago de aguas calmas, onde os cisnes brancos encontraram a felicidade de uma vida que lhes parecia perdida para sempre...

E a Musa compreendeu, que, quando menos se espera, se encontra uma creatura que vive a bondade e a beleza da vida.

Mario Pederneiras foi um poeta assim.



SINCERIDADE

Não se póde fazer da vida de Mario Pederneiras um estudo completo.

E não é essa a nossa intenção.

Vida sem ordem, sem metodo, boêmio por natureza, nota alguma deixou para uma biografia segura. E nenhum interesse temos em recordar datas.

Lembremos apenas o que foi a alma desse admiravel poeta, cujos versos tão pouco lidos, são preciosos florões de nossa literatura.

E são, tambem, um marco significativo de nossa evolução literaria.

Ainda tenho na memoria, agora que tantos anos são passados de sua morte, todo o encanto de sua palavra comunicativa. A alma de artista era palpavel, tal a exteriorisação de sua sensibilidade. Mas esse fenômeno não era percebido por todos. Mario não era expansivo dentro de sua arte. Confessava-se, apenas, aos inti-

mos, aos seus. Era um raro de espirito e escrevia para raros apenas, como o portuguez *Eugenio de Castro*, que ele tanto admirava.

Poeta legitimo, insensivel á vida material, recolhia-se como quem vai descansar, naquela orgulhosa *Torre do Verso* que não foi feita de *marfim nem de ouro com raras pedrarias, mas simples como a fantasia de sua alma de simples e de poeta...*

Depois do afan trabalhoso de um dia de semana, na calma de uma morada situada em um bairro longinquo e socegado, ouvindo o cantante vozear das *cigarras do seu outono*, Mario punha os olhos no crepusculo e assim ficava até que a noite vinha.

E parecia que a alma do poeta, cantava em surdina esses versos de orgulho:

Esta elevada Torre independente,
Que é minha só, minha somente,
Levantei-a um dia
Com todo o esforço audaz de que disponho,
Lá para o extremo do Paiz do Sonho,
Num recanto de minha Fantazia.

E era enclausurado nessa *Torre* unica, onde não chegava o *estrepito brutal das invejas do mundo*, que o poeta cantava todas as belezas do seu reino interior, tudo que lhe sugeria a vida quotidiana, todas

as emoções colhidas, ao longo da estrada,
num andar vagaroso...

E vivia e cantava assim, até que um
dia a saudade bateu-lhe á porta:

Bateu-me á porta um dia...
Ingênuo, hospitaleiro,
Abri-a...
Dei-lhe o melhor do meu viver caseiro...
E hoje sofro e pago ainda
O castigo de have-la achado linda.
Desde então
Ando no seu olhar, na sua vida imerso...
Asilou-se, de vez, neste meu coração,
Nunca mais me deixou a cadencia do verso.

Realmente, em toda a ultima metade da obra poetica de Mario Perderneiras, desde *Historias do meu casal* até o livro *Outoño*, o motivo inspirador mais acentuado é a saudade. Deita ela, misteriosamente, sobre todos os versos do poeta, uma sombra consoladôra.

É uma saudade sem pieguices; não choraminga; é a grande saudade irremediavel; aquela mágoa que fica sempre como éco suave dos nossos momentos tristes ou alegres; um fluido que consóla e faz sofrer; e que nunca mais nos deixa, enquanto vivemos.

Saudade, sombra do passado.

E Mario Pederneiras bem o disse, na simplicidade deste soneto perfeito:

Intérmino que fosse o caminho da Vida,
E eterno o caminhar do nosso passo incerto,
Fosse na estrada longa ou fosse no deserto,
Sem lar, sem pão, sem paz, sem sol e sem
[guardida;

Intérmina que fosse a estrada percorrida,
Sob o céu todo azul, ou de nuvens coberto,
E o repouso fatal nunca estivesse perto,
E a distancia final nunca fosse vencida;

E vencendo o caminho, as urzes e os escolhos,
As lutas, o pavor, o cansaço do dia,
A fraqueza do passo, a tristeza dos olhos,

Meu pobre coração nessa eterna ansiedade,
Nesse eterno sofrer, eterno arrastaria
Esta triste, esta longa, esta eterna saudade.

Estais começando a sentir a alma do poeta. E por que?

Porque exalta e emociona. Porque é sincera e a sinceridade é tudo em arte. Em arte e no resto...

E a proposito, lembro-me das palavras que *Wagner* disse á *Villiers de L'isle Adam*, em Lucerne, no outono de 1868:

Mon art c'est ma prière; et, croyez-moi, un véritable artiste ne chante que ce

qu'il croit, ne parle que de ce qu'il a vu, n'écrit que ce qu'il pense; car ceux-là qui mentent, se trahissent en leur oeuvre dès lors stérile et de peu de valeur, nul ne pouvant accomplir oeuvre d'art véritable sans désintéressement, sans sincérité.

A arte só pode ser a expressão sincera da vida. E' este o caso de Mario Pederneiras: viveu fazendo versos. Ritmou as horas que viveu.

Faz arte verdadeira o artista que se deixa levar pelo cantico misterioso de sua sensibilidade ou pela cadencia irregular das horas da vida. Do reflexo das emoções que sofre, resulta a explosão luminosa do espirito.

O necessario é viver humilde ou gloriosamente o seu proprio destino. Seguir a vida sem a preocupação de querer calcar aos pés as pedras do caminho e afastar dos olhos as sombras que vão surgindo.

A vida é um caminho incerto. Deve, no entanto, ser seguido sem vacilações. Para uns, o marchar é suave e calmo; para outros, a estrada chega a parecer sem fim... É preciso, porém, segui-la sempre, enfrentando a tristeza para melhor sentir a alegria; não recear o tragico escuro de noites agourentas, para melhor viver as belezas de um dia claro; não fugir dos

espinhos de plantas agrestes, para melhor sentir o perfume das rosas; amar sempre as horas presentes, para viver a saudade delas no futuro; não ter receio da morte, para poder amar a vida; saber viver, para saber morrer.

A sinceridade da poesia de Mario Pederneiras induz a estes pensamentos. Ele sentia-se poeta e tinha horror ao artifício, aos convencionalismos absurdos de uma arte prefixada em teoremas e regras, aos freios rijos de sentimentos metrificados e ás idéas bitoladas por normas e formas fatais.

Mario foi um poeta emotivo, sincero, livre e desembaraçado.

Sacudiu dos ombros o peso de um passado, cujas raízes pareciam eternas.

E pensava: o poeta diferencia-se dos outros homens que, passo a passo, com ele seguem pela vida fóra, porque é o peregrino que sabe sentir e realçar, nos mínimos contornos, tudo que lhe emociona a alma, fazendo bater mais forte o coração.

O homem vive apenas; o poeta interpreta a vida.

Se por acaso, a meio caminho, surge uma montanha que é preciso galgar, o ho-

mem sobe simplesmente; mas o poeta, ao chegar ao alto, volve o olhar para os horizontes longinquos e canta, eternizando tudo que lhe entra pelos olhos, pelos ouvidos, pelos nervos. Imortalisa, na memoria dos outros, o seu amor eterno pela vida. Amar a vida sobre todas as cousas, é frase banal e repetida. Mas *l'art c'est toute la vie*, escreveu o esquisito *Jules Laforgue*.

A ESTRÉA DO POETA

O meu convívio íntimo com Mario Pederneiras permite que sobre ele possa eu afirmar alguma coisa.

Conheci o homem e o artista. Foi único na sua feição. Não deixou discípulos, mas imitadores.

No entanto, foi grande e sensível a influência de seus versos na formação literária de nossas últimas gerações.

Mario salientou-se originalmente entre seus pares, porque era dono de um sentimento e de uma sensibilidade estética que correspondiam a um horizonte claro e novo, no acanhado cenário da literatura nacional.

Os primeiros versos de Mario Pederneiras, dentro de uma linda extravagância corajosa e firme, são um longo avanço sobre o versejamento corrente dos poetas de seu tempo.

Tornou-se um poeta livre. Era um irreverente e um insubmisso às formas par-

nasianas da época. Implantou no Brasil o verso livre, com talento e elegancia. Foi um renovador.

A sua estréa com o livro *Agonia* foi recebida em surdina. Os criticos profissionais não atinaram com o talento original do poeta novo. (3).

Nos cochichos literarios das portas das livrarias e das mesas de café, as opiniões boas ou más eram desencontradas e disparatadas. Não o entenderam.

Houve exceções, é claro.

E entre gente de sua geração, alguns rapases vibraram diante do poeta estranho que surgia.

Se percorrermos os velhos jornais da época, encontraremos o éco desse entusiasmo.

Felix Bocayuva, em uma pequena nota sem assinatura, escreveu no *O Paiz* de 15 de Agosto de 1900: original na forma e na idéa, o breve mas arrebatante poêma de

(3) Em um antigo caderno de notas intimas de Mario, encontro o seguinte, em 13 de Agosto de 1900: Saiu hoje do prélo o meu primeiro livro de arte. Palavra que estou comovido e sinto uma alegria estranha. Vejamos como sou recebido. Não fui um precipitado ou um ambiicioso; deixei passar, atropelada em fantasia, a época barulhenta e insubmissa das primeiras manifestações literarias...

Ha de desagradar aos *velhos* e aos *polainas*; aqueles pela rebeldia que representá e impõe e a estes pela inveja da impotencia em que vivem...

Mario Pederneiras, marca a semana com uma bela nota de arte pura, ousada, quebrando a monotonía da metrificação banal e a banalidade dos vulgares conceitos poeticos que enchem aí o nosso campo literario.

Felix Pacheco, que, além de poeta, era o redator literario do *Jornal do Comercio*, e foi dos primeiros a se revoltar contra o *marmore frio* do parnasianismo, escreveu em 16 de Agosto do mesmo ano algumas palavras sobre a *Agonia* que merecem registro: « Já ninguem contesta a renovação profunda que a poesia experimenta no momento atual. O parnasianismo amaneirado vai decaindo visivelmente e não deixará monumentos tão belos como os que nos ficaram da escola romantica ».

« O Sr. Silvio Roméro procurou, muito recentemente, nas paginas de um prefacio, definir as tendencias das novas escolas literarias. Os que se obstinam em ver nos rapases que vão trilhando esses novos rumos, desequilibrados, sem aptidões e sem estudos, caçadores de palavras esquisitas e retumbantes, reunidas a êsmo, sem logica e sem expressão, encontrarão naquele prefacio a razão de ser, filosoficamente demonstrada, do simbolismo e das escolas que com o mesmo simbolismo têm pro-

nunciadas afinidades. O Sr. Mario Pederneras é francamente, um rebelado contra os velhos moldes obsoletos, ainda hoje usados pelos que aprenderam a versejar segundo os requisitos de Castilhos. Ha nos versos do jovem poeta, alguma cousa de original e de novo, que ainda não foi dito por outrem e que ele nos canta com grande brilho de expressão ».

« Todas as estrofes são nebulosas, obscuras, mas ao mesmo tempo profundas. Aquele misticismo angustioso tem certo encanto esquisito, que faz lembrar outros climas e outras almas estranhas. A estesia do artista revela-se de um requinte extremo, sem incompatibilidades com a correção da frase ».

« É um livro audacioso, que a nossa critica receberá certamente com as reservas, muitas vezes injustas, com que tem acolhido outros semelhantes. Mas, ultimada a fase de renovação artistica porque estamos passando, ele ficará como um dos melhores que surgiram no inicio da nova era literaria ».

*
**

Poderíamos transcrever ainda algumas notas interessantes sobre *Agonia*. Batem todas, porém, na mesma técla. Para fe-

char o rosario, basta transcrever pequeno trecho da nota ambigua, publicada pelo Sr. *Antonio Sales* no *O Comercio* de 26 de Agosto de 1900: «O Sr. Mario verseja a serio; mas não deixa de ser engraçada a sem-cerimonia com que ele joga com palavras, arrançando combinações capazes de enlouquecer um gramatico, transformando nomes em adjetivos e vice versa, mudando a ortografia de palavras, quando precisa de uma rima, inventando outras, para suprir a deficiencia dos dicionarios, fazendo enfim tudo quanto julga preciso para chegar a uns tantos efeitos verbais, para os quais deve concorrer sem duvida a profusa, nabesca e diluviana distribuição de maiusculas».

E termina dizendo: «porque para a gente gostar de certas cousas não é preciso entende-las, que diabo!»

Gonzaga Duque e *Paulo Barreto* occuparam-se longamente com a estréa de Mario e *Araripe Junior*, um dos criticos mais respeitados da época, fez o elogio do poema quando o comparou a um quadro biblico de *Puvis de Chavannes* (4).

*
**

(4) *Gazeta de Noticias*, de 5 de Setembro de 1900.

Em carta a *Emiliano Pernetá*, poeta paranaense, remetendo-lhe o primeiro livro de Mario Perderneiras, escrevia *Gonzaga Duque*:

«Entre os nossos poetas modernos Mario Pederneiras tem, sem duvida, logar proeminente. É um artista extraordinario, duma sutileza espiritual que só póde ser bem entendida e avaliada por espirituais.

«O poeta evocou o tipo de Job e, atravez da sua psicose, faz desdobrar as tres fases da luz.

«Após a insonia de noite tormentosa, longa de angustias para o seu desalentado espirito, vem a luz tonica da manhã, no seu esplendor de sol nascente.

«O poeta descreve a remoçada beleza das cousas, do modo o mais brilhante, sem um só velho, sedição recurso descritivo ou a imperfeição d'um verso.

«Depois a luz vai subindo. Dardeja o sol fecundando a terra, fazendo penetrar no intimo das entranhas déla o semen creador do seu poder.

«E o velho biblico que quer calma, que espera o lenitivo do sofrer continuo, sente na luz que lhe escalda as chagas, o beijo igneo do Demonio. A forte impressão solar fére suas pupilas, os raios luminosos mordem-lhe as ulceras. Toda a

sua retina se enche desse clarão, que lhe parece o da propria carne corroida.

«É o desespero sem esperança. A ulcera que lhe róe as carnes, está dentro dele, tambem, a lhe consumir a fé. Turba-se-lhe a razão, e a dôr e o cansaço e o desalento arrancam-lhe do turvado imo, imprecação tremenda.

«Mas, de repente, ao rolar desse ardente globo que incendeia a terra, ele se recorda do seu viver d'outrora, dos seus tesoiros... A idéia de Deus volve á razão alucinada, lembra-se que a luz é a força, é a vida, *fonte de Amôr e fonte de Alegria* e roja-se, em pensamento, entoando, entoando o salmo do perdão:

O meu pavôr esquece.

Ergue-se a Ti minh'alma em holocausto.

Fecunde a mágoa o lirio d'uma prece.

«Toda esta parte do *Clamôr* é belissima, arrancada da caverna d'um peito dolorido e d'uma alma crente.

«São, pois, tres fases da Luz, sentidas por Job, que o poeta nos oferece, n'uma riqueza incedivel de rimas e frases, tres estados d'alma transmitidos ao leitor por um modo emocionantemente novo, em que a maior preocupação é da arte, na sua intensidade sugestionadora ».

.Nesta magnífica carta, conseguiu *Gonzaga Duque* interpretar com palavras vivas a verdadeira essência e a beleza poética do poema *Agonia*.

Mario Pederneiras era um original que surgia com entusiasmo, explodindo na exuberância de formas e idéas novas. Era um cavaleiro que saía á luta com armaduras claras, reluzindo ao sol e trazia á guiza de lança, um ramo de violetas.

A beleza dos gestos desse estranho poeta, vivos e diferentes, escandalisaram a turba boquiaberta, diante de tanta ousadia.

Espantou... pois agasalhava em seu coração a nova poesia do mundo. Trazia uma luz inédita para o verso brasileiro.

Reparai na originalidade vocabular destes versos:

Horas primeiras, morbidas, brumaceas,
Fôfas do fôfo placido d'arminhos,
Da redolência pulcra das Acacias,
Baças, do baço dos primeiros linhos.

.....

Lua de Páscoa, transparente e franca,
Velha camponia n'uma aldeia em festa,
Resplendorando toda a terra branca,
De uns ares castos de velhice honesta.

.....

Belo tempo o da mésse,
Do sol que a terra e que as espigas doira...
Para quem passa nos Trigais, parece
Que a terra é toda loira...

*
**

Entre o poeta que com tanto entusiasmo original se estreava nas letras e o poeta simples e calmo que escreveu o suavissimo livro *Outono*, ha uma evolução notavel, uma distancia digna de estudo.

São os dois extremos de uma vida.

O primeiro é o livro da adolescencia. E *Outono* foi todo composto nos ultimos meses da vida do poeta.

Nele existem versos que são bem o canto e o éco de quem se sente morrer.

E foi, na verdade, poucos dias antes de fechar os olhos, que este meigo poeta escreveu o *Trecho Final*, ultimos versos do seu ultimo livro:

Meia tinta da côr dos ocasos do Outono,
Sonho que uma ilusão sobre a vida nos téce
E perfume sutil de uma fôlha de trêvo,
São de certo, a feição deste livro que escrevo
Neste ambiente de silencio e sono,
Nesta indolencia de quem convalesce.

Meu livro é um jardim na doçura do Outono
E que a sombra amacia
Do carinho e do afago

Da luz serena do final do dia;
É um velho jardim dolente e triste
Com um velho local de silencio e de sono,
Já sem luz de Verão que o doire e tisne,
Mas onde ainda existe,
O orgulho de um cisne
E a agua triste de um lago.

São estrofes sublimes que dão bem a
idéa do livro: um calmo jardim na doçura
do outono...

Faz-nos evocar cousas idas e sentidas;
velhas gravuras que nos mostraram em
creança, e cuja impressão nos ficou na
memoria; fantasias de *Dulac*, pintadas em
marfim, á luz de uma noite suave, ilustra-
doras de velhas lendas, de velhos sonhos...

MOTIVOS INSPIRADORES

Cada livro de Mario Pederneiras, representa uma fase de sua vida, uma tristeza de seu coração. Aí está mais um reflexo de sua sinceridade.

Agonia, publicado em 1900 e *Rondas Noturnas* em 1901, seus primeiros livros, refletem a boemía despreocupada do tempo em que Mario Pederneiras, com *Lima Campos* e *Gonzaga Duque*, formava incontestavelmente, a companhia literaria mais interessante da época.

Nestes dois livros, Mario é o poeta que não hesita em exhibir toda a flora exuberante que em seu espirito nascia. *Agonia* e *Rondas Noturnas* são por isso mesmo dois livros onde o seu talento surgiu limpo como um dia claro.

Ele sempre me falava do tempo em que os escrevera, com palavras cheias de saudade. Foram livros de uma época feliz, em que a vida do rapaz artista não tinha

outro sentimento que não o de sua arte e seu espirito não tinha outro pensamento que não o versejar toda a emoção que a vida lhe dava ou que uma fantasia original lhe fazia crear.

Hoje sobre estes dois livros lindos, caiu o esquecimento. Mas o esquecimento é o mais comum dos sentimentos humanos...

*
**

O aparecimento de *Rondas Noturnas* deu mais que falar. Mario já era um nome discutido.

Por traz do pseudonimo de Leonel Sampaio, *Alcindo Guanabara* ⁽⁵⁾, com sua incontestavel autoridade jornalística, discorda abertamente da feição poetica de Mario: «não nos podemos acomodar, escreveu ele, com essa metrificacão bizarra, com esses vocabulos esquesitos, esse *quid* especial da escola simbolista, que só cuida o colorido dos termos e nunca fala á alma, nunca desperta uma emoção sincera, tudo envolto nos exageros gongoricos da exaltação a frio, pomposa e artificial».

Pontos de vista, opiniões...

Não lia pela mesma cartilha de *Guanabara* o saudoso *Paulo Barreto*, que em

(5) *A Tribuna*, de 20 de Junho de 1901.

O Dia de 7 de Julho de 1901, escreveu: «entre os modernos e intermináveis poetas, que diariamente surgem, floração estranha e bizarra, só peculiar a esta nossa amada terra, cheia de sol e de palmeiras, nenhum ha com a originalidade, o poder de empolgar e de sintese dorida, maior que esse Mario Pederneiras».

José Verissimo, com a solenidade de seu estilo sisudo e com a sinceridade de sua critica respeitada, ocupou-se longamente de *Rondas Noturnas* e do movimento simbolista em geral (6).

E para preparar o ambiente, *Verissimo* achou cauteloso prevenir: «Eu creio não precisar protestar, perante os que me fazem a honra de lêr estas crônicas, que não tenho nenhuma prevenção contra os *novos*. Em literatura e arte, como em tudo mais, sou livre pensador».

E depois de se alongar em considerações sobre o movimento simbolista, sua influencia e seus principais acolitos, refere-se diretamente a Mario Pederneiras, nos seguintes termos: «O Sr. Mario Pederneiras está todo influenciado do simbolismo e tem evidentemente talento. O seu primeiro livro

(6) *Jornal do Comercio*, de 9 de Julho de 1901.

de versos *Agonia*, produto postiço de preconceitos escolares, podia ser tido, segundo notou um critico, como uma *charge*, uma caricatura da escola. Este segundo, *Rondas Noturnas*, é mais livre, mais pessoal e creio que mais sincero. Não o dou como modelo de simbolismo, mas é dos melhores produtos da escola aqui, pela excellencia dos versos, por certa e incontestavel novidade de expressão e mesmo de sentimento, pela nobre preocupação que ha no poeta de pôr idéas — idéas praticas — nos seus versos ».

« Comparando os versos do Sr. Jayme Guimarães (7) com os do Sr. Mario Pederneiras, se não pode deixar de sentir o lucro que á nossa poesia veio do simbolismo, como este lhe deu mais plasticidade, mais musica, e como ao mesmo tempo começa a livra-la das repetições enfadonhas do descritivo parnasiano ».

Assim falou *Verissimo*...

*
**

Depois de *Agonia* e *Rondas Noturnas*, Mario Pederneiras publicou um livro que deve ser lido religiosamente. É um livro onde tudo é bom, é suave e é triste. Em-

(7) Autor do livro *Amôr*, Ed. H. Garnier, 1901.

bala nossa alma encantadoramente. É um livro luminoso: *Historias do meu casal* (8).

Nele vivem em constante contraste, a felicidade e a dôr.

No *Vale da Ventura*, primeira parte do livro, o poeta canta o tempo mais feliz e tranquilo de sua vida. É o canto do seu amôr! É a linda canção venturosa de sua vida de simples, numa velha morada, á sombra de grandes arvores amigas, junto á esposa, os filhos pequenos e o mar em frente:

Fica distante da cidade e em frente
Á remansosa paz de uma enseada,
Esta dos meus romantica morada
Que olha de cheio para o sol nascente.

Arvores dão-lhe a sombra desejada
Pela calma feição de minha gente,
E ela toda se ajusta ao som dolente
Dos canticos que o mar lhe chora á entrada.

Lá dentro o teu olhar de calmos brilhos,
Todo o meu bem e todo o meu empenho,
E a sonora alegria de meus filhos.

Outros que tenham com mais luxo o lar,
Que a mim me basta, Flôr, o que aqui tenho,
Arvores, filhos, teu amôr e o mar.

(8) Publicado em 5 de Julho de 1906. Ocuparam-se deste livro: Gonzaga Duque, Julia Lopes d'Almeida, Nestor Victor, Medeiros e Albuquerque, Pedro do Couto, Alcides Maya e outros.

A vida simples é o seu encanto. E a linguagem de seus versos, pura como a luz clara da manhã.

Reparai:

Vão-se as brumas do sul...
 Agora é o tempo das manhãs bizarras,
 De muito sol, de muito azul,
 E do estridulo canto das cigarras.
 Com este céu assim doirado e fino
 E estas fecundas madrugadas louras,
 Eu imagino
 A alegria que vae pelas lavouras.

.....

E falando a um amigo diz:

Vem conhecer, amigo, esta locanda,
 Toda aromada de jardins e horta.
 Um jasmineiro em flôr sobre a varanda
 E cantigas do mar chorando á porta.

.....

O Mar fica fronteiro
 Á nossa honesta e placida vivenda,
 Um Mar de lenda,
 Apertado em eterna calmaria,
 Na mais linda baía,
 Na mais linda, talvez, do mundo inteiro.

E envolve o poeta, no canto simples do seu entusiasmo, tudo o que lhe vive em volta: o seu amôr, a beleza dos filhos, as arvores da rua, a velha mangueira da chacara, que era a mais linda mangueira do arrabalde...

Dona Yolanda e Dona Lenôra, são
dois poemetos de ternura:

Senhora dos bons Destinos,
Do reino das Esperanças
Que andaes guiando as crianças
Com vossos olhos divinos,
Da vida na longa trilha
Guiae tambem minha filha.

Ela é pequena, ela é sã
E da mansidão de uma ave,
E tem o nome suave
De uma princeza cristã.
A dona desta locanda
E' Sua Alteza Yolanda.

Se não tem um reino infindo,
Se não tem regio tesouro,
Como o seu cabelo louro
Na terra não ha mais lindo.
São, na côr, justos e eguaes
O seu cabelo e os trigaes.

.....
Dona Lenôra não tem tres palmos
De comprimento...
Dona Lenôra dos olhos calmos
Enche, entretanto, meu pensamento.

... Nesta ventura, em que me concentro,
Dona Lenôra,
Tudo o que magua e males redime,
Tornando a vida consoladora,
Cabe aqui dentro
Do teu pequeno berço de vime.

O destino, no entanto, foi tecendo a malha triste da vida, e o *Paiz da saudade*, segunda parte do livro, é doloroso como um soluço.

Surge a saudade de Yolanda e Lenôra, as duas filhas do poeta, que Deus levou.

E conta-nos a linda e dolorosa historia daquela gente pobre, que, por um capricho estranho da sorte, vivia feliz.

Até que um dia:

Ninguém mais viu aquela gente obscura,
No pequenino Vale da ventura...

*
**

Em Outubro de 1912, apareceu um novo livro de Mario Pederneiras: *Ao léo do sonho e á mercê da vida*.

Parece que, por essa ocasião, o poeta deixava a vida seguir o seu destino, ao abandono, ao acaso.

É ainda um livro de saudade, saudade de um tempo que passara, saudade das filhas que morreram...

É a desilusão que fala:

Um dia
Eu te julguei da vida eterna realidade:

E eras apenas uma fantasia,
Meu lindo sonho de felicidade!

Tinhas tudo quanto o Amôr em gozo e viço
Pode fazer da vida um bem superno,
Por isso,
Eu te julguei eterno
Resumindo na tua eternidade
Tudo quanto de bom no mundo havia.

E eras apenas uma fantasia,
Meu lindo sonho de felicidade!

.....

É neste livro que se encontra o mais
belo soneto de Mario: *Suave caminho*:

Assim... ambos assim, no mesmo passo,
Iremos percorrendo a mesma estrada;
Tu — no meu braço tremulo amparada,
Eu — amparado no teu lindo braço.

Ligados nesse arrimo, embora escasso,
Venceremos as urzes da jornada...
E tu — te sentirás menos cansada,
E eu — menos sentirei o meu cansaço.

E assim, ligados pelos bens supremos
Que para mim o teu carinho trouxe,
Placidamente pela Vida iremos,

Calcando maguas e afastando espinhos,
Como se a escarpa dessa vida fosse
O mais suave de todos os caminhos.

*

**

A nova geração começou então a se
preocupar e a admirar Mario Pederneiras

e *Ronald de Carvalho*, em 1912 ⁽⁹⁾ começa uma crônica sobre o novo livro do poeta, com as seguintes palavras: «Esse livro bom e sadio, que evoca desde o apodo inicial á ultima sílaba, a alma equatoriana de um poeta forte e seguro, é mais um argumento aditado á sensibilidade estetica de Mario Pederneiras. Correm-lhe páginas em fóra, num crescendo de sensações, ora a emotividade suave, de um ranger de sêdas, ora a agudeza ritmica de um temperamento aberto para todas as estesias. Esse punhado de versos dá-nos a impressão de muito ouro, de muito sol, de muita luz, coados num ambiente sincero, onde não ha entreligamentos de vocabularios, nem tão pouco a tristeza obrigatoria dos lugares comuns de 1830». ... «Tudo aí é simples, que a simplicidade é o elemento característico do esteta das *Historias do meu Casal*».

Sobre o «*Ao léo do sonho e á mercê da vida*» longamente escreveram escritores que surgiam, entre eles Hermes Fontes, Batista Junior, Ademar Tavares, Eloy Pontes, Gustavo Barroso. E Felipe D'Oliveira, acertadamente, disse que Mario Pederneiras conhecia o misterio de ser perpetuamente novo...

*
**

(9) *O Paiz*, de 19 de Novembro de 1912.

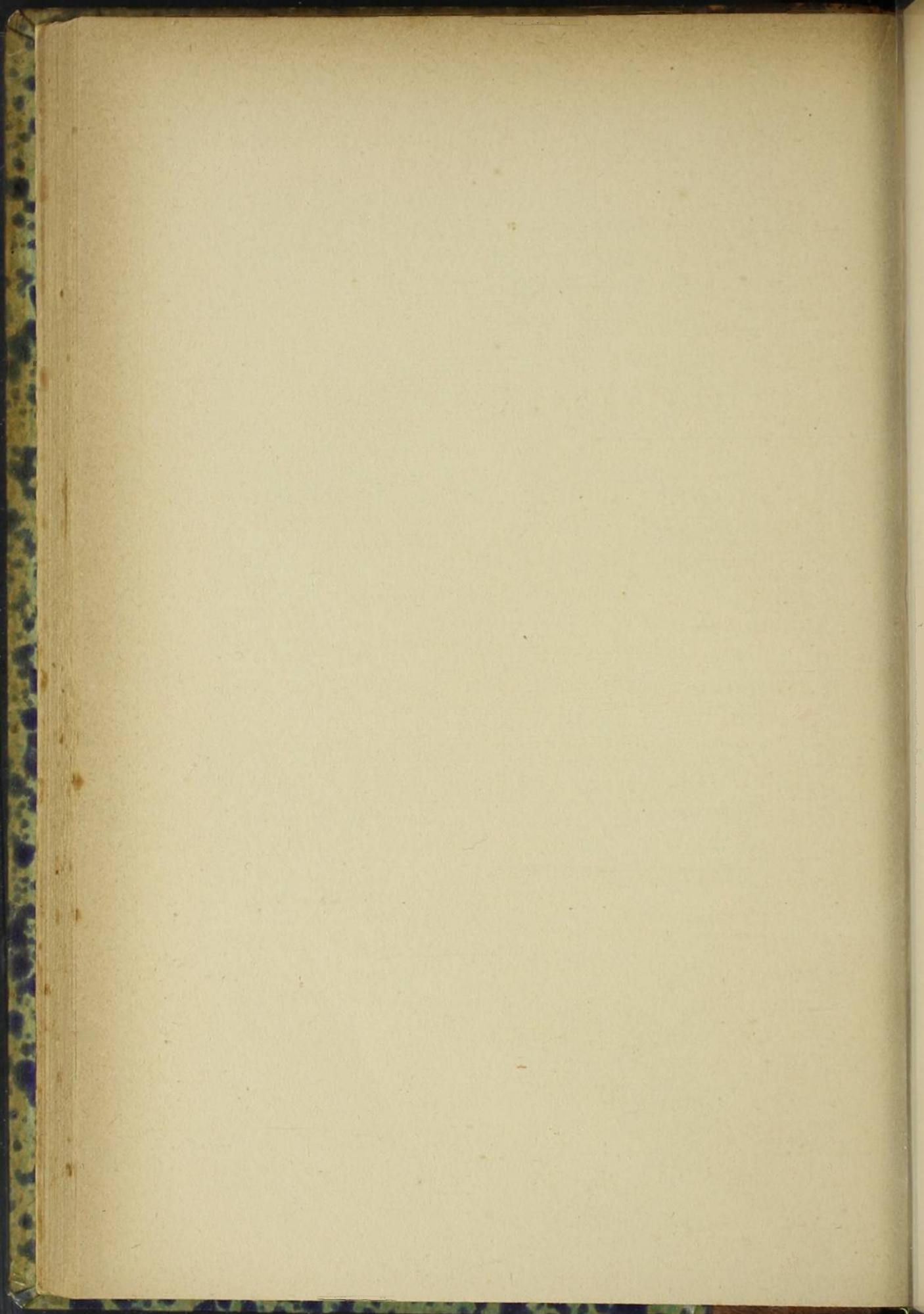
Na sua feição triste, Mario foi um poeta cuja tristeza é sem revolta, sem uma palavra má contra o destino, sem um gesto brusco, sem um grito!

Foi um suave.

E uma seleção orgulhosa de sentimentos foi o pudôr de sua sensibilidade.

Os *motivos* de Mario foram quasi ingenuos. Quando não cantava a propria ventura ou desventura, o amôr, a alegria dos filhos, o lar, a casa dos pais, a sombra dos jardins, tudo, enfim, que era o reflexo de sua vida intima, inspirava-se na simplicidade calma dos jardins publicos, nas arvores da rua, nas cigarras chilreantes, no assovio do garoto, nas ceáras, nos campos...

E pensando na pureza da poesia de Mario Pederneiras, vem-nos á memoria a frase de *Gabrielle D'Annunzio*: *La qualità dell'olio per la lampada, era eletta come per un'offerta a un dio severo.*



O CANTO DO CISNE

Outono. Livro sentido e verdadeiro. Talvez por isso mesmo, algumas de suas paginas são de uma realidade impressionante. Realidade e sonho. E um pouco de misticismo.

Como os demais livros de Mario Pederneiras, reflete o momento em que foi escrito.

Ele sabia que era o seu ultimo livro. E chamava-o, o Canto do Cisne...

Outono é um mixto de saudade, sofrimento e esperança: trindade terrível e sentimental, que nos acompanha na vida.

Os versos, todos os versos deste livro, foram escritos durante a fase aguda da molestia que matou o poeta. Ha nele uma acentuada despreocupaçãõ de espirito, anseios de vida nova e até um pouco de ambiçãõ...

A sua composiçãõ foi torturante. Era o comentario de seus ultimos dias de vida,

a valvula com que procurava fazer escapar por um espirito sereno, as miserias fisicas de um corpo doente.

Não podendo mais falar, pedia que lhe lessem os versos escritos diretamente na maquina de escrever. E ouvia-os contente, sorrindo e apressando ainda mais o pisca-pisca de seus olhos vivos, atravez os vidros grossos e escuros de seus oculos de miope.

Ao amôr, motivo de inspiração que Mario sempre tratou muito ao de leve e delicadamente, consagrou paginas de emotividade sublime.

Eis alguns versos esparsos:

Teu olhar é tão manso,
Tão de ardencias febris desprevenido e leigo,
Tão suave, tão bom, tão cheio de descanso;
Tão sereno é teu beijo,
Tão leve, tão sutil o teu proprio desejo,
Tudo
Em ti é tão meigo,
Sentimentos e carne, olhar, voz e carinhos,
Que muita vez sentindo,
Junto de mim o teu aspecto lindo,
Que meu amôr intenso,
Indomito, açulado espera e espreita,
Penso que tu, querida, tu és toda feita
De arminhos
E veludo.

.....

Um lago,
Sem ritmos agitados
De agua de brilho de aço,
Clara, fresca, parada,
Sob a sêda de um Céu, á noite em pleno Outono;
Um recanto da terra esteril, isolada,
Cheia de sugestões, de socêgo e de sono,
De distancia e de espaço,
Não tem a penugem do afaço
Deste afaço aromal dos teus olhos dourados.

.....

Quando mais para a terra teu amôr dirigo,
Quero-o mais humano,
E exijo,
Que dessedentes meu desejo insano,
Em caricias mais fortes e mais fracas,
E se te imploro
O sabôr aromal do teu beijo sonóro,
Não me ficam nos labios
Acidulos resabios
Da ansia sensual de onde a Volupia espouca...

Só me fica na boca
A macia impressão de que beijo azas brancas...

.....

São lindos na sua simplicidade estes versos de amôr, sinceros e suaves, como todos os versos que Mario escreveu.

E difícil é fazer versos de amôr, sem cair na banalidade de um namorico alambicado ou na vulgaridade de um sensualismo quasi sempre brutal.

O amôr, como inspiração poetica, sendo fertil em motivos variados, possuindo a escala cromatica das alegrias e das miserias humanas, é ingrato por sua vulgaridade e difficil por sua delicadeza.

Os versos de amôr que Mario escreveu, são todos bem diferentes do que comumente se tem escrito, com notada predileção na poesia indigena: são simples, sem serem banais, e originais, sem serem escandalosos.

*
**

Do conjunto de sentimentos que formam a alma deste puro artista e do estilo de versejar que fizeram o seu verso tão delicado e sugestivo, conseguiu ele realizar o milagre proclamado por Jean Dolent: *dire les choses sans faire peiner les mots.*

É realmente incrivel como ha creaturas que dão a vida para emaranhar a clareza de um pensamento ou de uma idéa, no cipoal indestrinçavel de palavras e mais palavras. É o gôso da complicação. É o amôr á luz artificial.

Mario evoluiu para a simplicidade. E essa simplicidade em dizer sua emoção atingida principalmente nos seus ultimos livros, é mais um claro reflexo da grande sinceridade de sua arte.

Em seus primeiros livros a originalidade da inspiração, o rebuscado do verso, a esquisitez elegante do fraseado, eram naturais e sinceros, pela idade do poeta, pelo entusiasmo de quem principia, pela ansiedade de quem quer crear qualquer cousa de *novo*.

Mais tarde, com o andar do tempo, com o avanço da idade, o espirito aristocratisou o pensamento, seleccionou as emoções, simplificou o frasear. E por todas essas razões, reparai ainda uma vez como são lindos esses versos do poeta:

ALEGRIA EM SURDINA

Abro a janela,
A saudosa janela do meu quarto...
Por ela
É que me vem a vida lá de fóra
E manso e farto
Entra, de Maio, o sol que não abraza.

Parei no meio da decida
E agora
Torno de novo á minha casa,
Volto a viver a minha Vida,
E meu olhar distraído
Revendo tudo que eu aqui deixara.

.....

Nos olhos trago
Uns sonambulos restos de cansaço,
E de exigencias fisicas de sono.

Por isto, é que melhor eu sinto o afago
Que erra
Na côr, no ar, na luz macia
E abre no espaço
A aza de arminho da melancolia.
Ah! como é bom convalescer no Outono.
Quando parece
Que como nós também a terra
Convalesce.

Revejo os meus e Tú que és minha,
Volto de novo ao pequenino mundo
Onde da vida os bens concentro,
E outra vez sinto cá dentro,
Mais calmo, mais profundo,
Mais na minh'alma,
O longo beneficio desta calma
De que o Outono toda a Vida arminha.

Lá fóra
Todo um sol que mais abraza
Do que este que encontrei no meio da decida.
E só agora,
Torno de novo á minha Casa,
Torno a viver a minha Vida!

.....

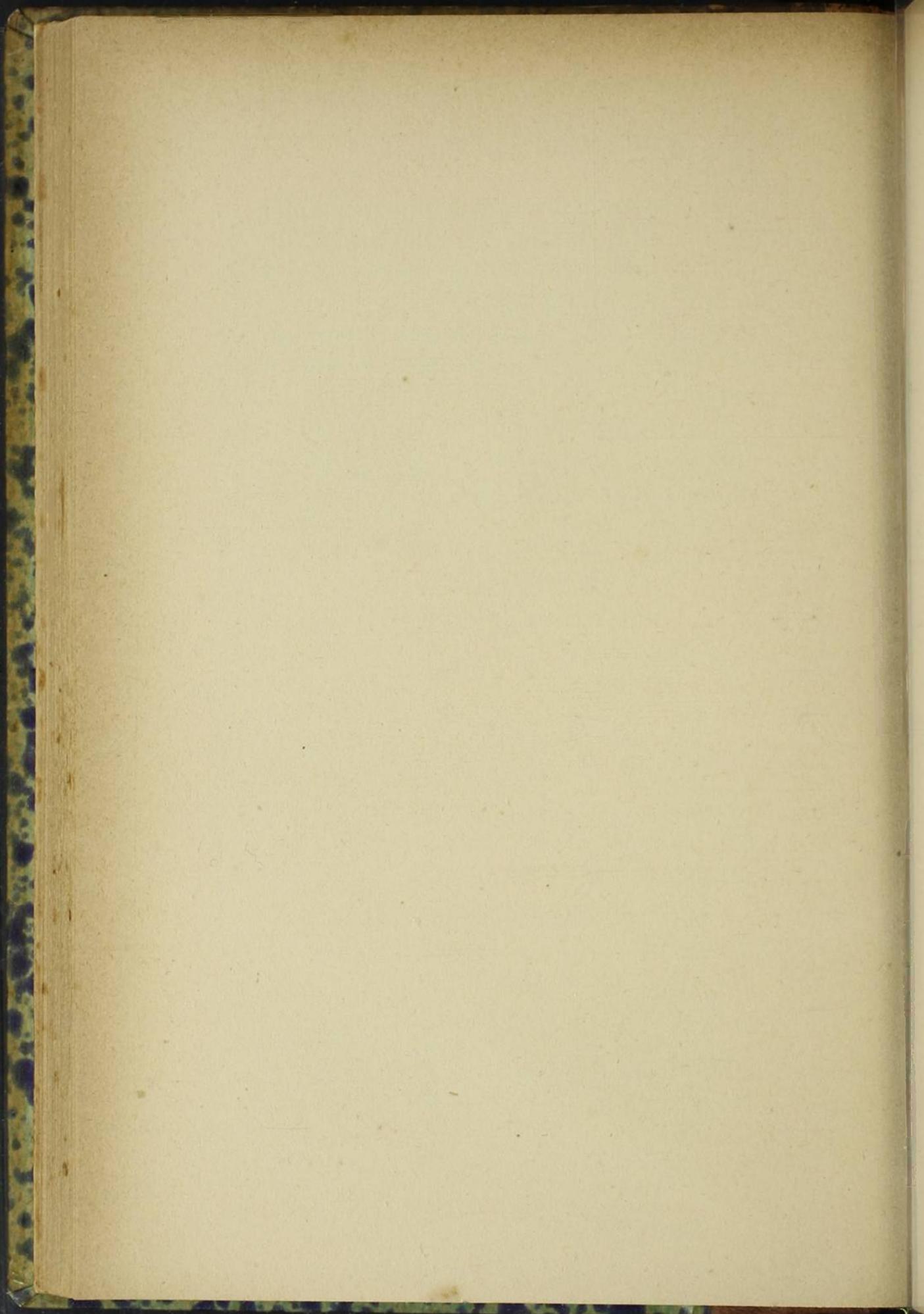
Para que continuar?

O meu desejo foi trazer á intimidade de meus leitores esse lindo e encantador artista e lembrar aos velhos e novos poetas desta linda terra tão cheia de luz, que, de vez em quando, se devem lembrar de Mario Pederneiras, poeta que só foi triste porque a vida o quiz.

É preciso que o leiam e não o esqueçam, desmentindo assim o velho brocardo de que o esquecimento é o mais comum dos sentimentos humanos...

Os versos de Mario fazem bem ao espirito. Consolam a inteligencia. Acalmam o coração.

E não foi em vão que *Remy de Gourmont* pensou: *l'important est de n'avoir vides ni le coeur, ni la tête.*



O CANTOR DA CIDADE

Mario Pederneiras foi o mais moderno dos poetas de seu tempo.

O seu modernismo, porém, não era uma ficção ou uma atitude.

O que ele trouxe de novo á poesia brasileira, foi a resultante de seu proprio temperamento, o qual, apesar de sua marcha apressada pela vida, conseguiu o milagre raro de não envelhecer.

Mario morreu aos 47 anos. E o seu espirito de artista e o seu coração de homem, nunca envelheceram. Se fosse vivo, continuaria na vanguarda.

Para os tempos de hoje, onde ha velhos de vinte anos, Mario foi um belo exemplo de mocidade e entusiasmo.

Foi um poeta. Tinha orgulho em ser poeta.

Toda a sua obra, historia da sua vida, aí está, palpitante, harmoniosa, torturada e viva, para mostrar, objetivada na mais

expressiva das sinceridades, o que foi a sua existencia de homem e como foi triste o bater de seu coração de poeta.

E o espirito de Mario jamais envelheceu, porque tinha para defender-se, um infinito amôr a tudo que de novo surgia á face da terra.

Homens ou idéas eram sempre benvindos, desde que apparecessem com a roupagem das emoções novas ou conseguissem no cortejo banal da humanidade, trazer uma luz inedita que iluminasse uma perspectiva desconhecida...

Não tenho duvida pois, em afirmar que Mario Pederneiras foi o mais original poeta do seu tempo. No entretanto foi um recolhido, um simples, um acanhado. Tinha muitos camaradas e poucos amigos. Pouco aparecia nos jornais e tinha aquele horror estetico da evidencia, de que nos fala o doce *Jean Dolent*.

E este temperamento tão contrario ao reclame, não fez dele um poeta popular, ele que foi dos poetas nossos, o que com mais sentimento e bondade, cantou esta linda terra carioca.

Esperemos que um dia justiça seja feita ao poeta, cuja morte prematura realisoou a imagem e o pensamento de Mae-

terlinck: *la gloire a ses injustices, comme la mort a ses fatalités.*

*
**

É comovente o amôr do poeta pela sua cidade.

Foi ela a musa querida e encantada, inspiradora amavel do seu verso, consoladora piedosa de suas tristezas.

A linda terra carioca, com o encanto de sua rica moldura de montanhas, com a doçura de suas praias claras, com o cantico misterioso de suas ondas, vive nos versos de Mario Pederneiras como *leit-motif* de ternura e de carinho.

Felippe D'Oliveira em uma de suas primeiras crônicas (10) que desde logo o consagraram como uma das possantes mentalidades do Brasil novo, apresentando aos seus leitores o livro «*Ao léo do sonho e á mercê da vida*», depois de dizer que a individualidade de Mario não é uma assimilação de arte alheia, nem se formou de destroços recolhidos em livros de outros, acrescentou: «toda a vida da cidade, toda a perspectiva característica de seus panoramas, a visão complexa dos figurantes da

(10) *A Imprensa*, de 1.º de Janeiro de 1913.

comedia urbana, e até tonalidades luminosas de sol de estio com cantigas de cigarra e de nevoeiros hibernais, tocando os dias, como «fumarada espessa de fogueira», tudo o que constitue a fisionomia inteligente de nossos bairros, prestigia-se de encanto, de verdade, em poemas como *A Rua, As Arvores da Rua* ou *Nevoas de Hivero* ».

E *Lima Campos*, o grande amigo de Mario, dedicou uma de suas crônicas de Fon-Fon! (11) ao amôr do poeta á sua terra: «Mestre-Rio tem o seu poeta! Paris o tem em Paul Fort e Rio em Mario Perderneiras! E essa tem sido a característica dos seus ultimos livros; — é o rapsodo do lar e da cidade; canta o suave viver do seu *habitat* e apoteósa no seu verso e na orquestra de sua rima e do seu ritmo, a beleza panorâmica de sua *urbs*: no lindo perfil de suas montanhas, no encanto opulento de seu lindo mar e dos seus campos e estradas que se estendem verdes e se alongam brancas, desde os ultimos casaríos até a paisagem rural das zonas de mourejo e de lavoura; e cantando assim, ele não se esquece de dizer sonóramente, das ruas, das suas arvores, do asfalto, do seu sol

(11) 16 de Novembro de 1912.

que polvilha de luz quente pelos estios, da sua garôa que a embuça de névoa pelos frios e até do seu garoto...»

*
**

Em *Historias do meu casal*, um pequeno poema — *Terra Carioca* — começa a nos mostrar o amôr do poeta pela sua terra, o encanto que tinha pela sua paisagem, pela sua côr, pela sua vida:

Eu precisava agora,
Sahir um pouco desta vida agreste
E comercial e morna da cidade:
Ir para fóra,
Para o ar silvestre
Retemperar um pouco a minha mocidade.

Deixar a rude longa dobadura
Da vida estranha de civilisado,
Cheia de nervos e de agitações;
Ir viver socegado
A vida dos sertões,
Na graça vegetal do campo e da Lavoura.

Deixar um pouco esta monotonia
Deste viver de lutas, rude e falho,
Onde o rancor estrabico viceja;
Esta vida brutal de quem mõeja
E só consegue, ao peso do trabalho,
O seu minguado pão de cada dia.

E o poeta foi para o campo, *para a hospitaleira vida sertaneja* que ainda guar-

da a feição honesta da *primitiva terra brasileira...*

E canta:

Teu crepusculo é lindo,
Quando, por fim á luz que se dissóra
Na doce unção que o fim do dia encerra,
Plange e ecôa pelo espaço afóra,
A tristeza dos bois, que vão mugindo
A longa pastoral bucolica da Terra.

Tinha então o poeta vinte e dois anos,
*quando sonhando solidões de monge, cheio
do enjâro da boêmia troça, arrastou os
seus futeis desenganos e foi viver na
roça...*

Foi viver e cantar toda a beleza simples
daquela vida simples. Mas um dia,
veio a saudade da sua terra, que lá longe,
bem longe ficára...

E para ela dirige o seu canto:

Entretanto,
Embora a infinda
E ampla saudade que teu céo me evoca
E que os meus dias amargura tanto,
Como eu te acho linda
Oh! minha linda Terra Carioca.

.....

Não preciso buscar outros recantos, -
Nem novas impressões de outras paragens,
Pois basta, para meus encantos,
O encanto das tuas paisagens.

Do Sul ao Norte
Em que outras lindas terras brasileiras,
Cujos sertões tanto comove e assombra,
Têm as mangueiras mais serena sombra,
Têm as palmeiras
Mais altivo porte?

.....

O teu amor não tem fraguas,
E as árvores que tens amplas, sombrias,
Têm troncos rijos como rijos músculos;
E que outra Terra sabe dar ás maguas
Do fim do dia,
O aquarelado tom dos seus crepúsculos?

Aqui também existe
Essa calma feliz e o mesmo aspecto triste
Da campesina vida ingenua e sedutora,
Na feição provincial em que simples se arruma
A pequena lavoura
Dos extremos rurais d'Irajá e Inhaúma.

Se preferisse a mata ampla, cerrada, espessa,
Que não nos mostre o Céu e que o Sol não aqueça,
Nem o pé incivil do progresso machuca,
Arrastando minh'alma
Eu iria pedir a desejada calma
Á vasta solidão das matas da Tijuca.

.....

Depois o Mar que, em raiva impetuoso,
Lá fóra invade praias e desgarra
O pesado vigôr das rochas socêgadas,
Entra na tua barra
E encontra amplo repouso
Na doce placidez das tuas enseadas.

.....

Mas hoje a tua vida interna,
Sob a vassalagem
Desta agitada estetica moderna,
Vae se movendo e transformando tanto,
Que muito breve perderás o encanto
Da primitiva plastica selvagem.
E mesmo assim, oh! minha Terra exul,
Não obstante a rabida e convulsa
Furia de devastar montes e relvas,
Vales e arroios,
Sente-se ainda, que vibrante pulsa
Na luz do Sol e no teu Céu azul
E nestes restos de lendarias selvas,
A rija robustez da raça dos Tamoyos.

.....

Bem dita seja a terra inspiradora de
tão lindos versos, musa encantada, ingenua
e bôa, de um poeta que a amou com tanto
carinho e tanta sinceridade.

Como cantor da cidade, Mario tinha
a sua sensibilidade trabalhada pelos pitorescos
aspectos urbanos, pela vida calma ou
agitada das ruas, pela alegria miseravel
do garoto, pela magestade de nossas arvores,
pelo mar caprichoso de nossas enseadas.

No livro *Ao léo do sonho e á mercê da Vida*, os versos que Mario escreveu sobre a *Rua*, não podem ser esquecidos.

Aí está toda a alma da rua, com as suas alegrias e suas miserias, sua historia e sua filosofia:

Eu considero a Rua
O melhor livro de Filosofia...
Na sua vida que palpita e atúa,
Ha todo um metodo de ensinamento,
Desde o que prega risos e alegria,
Ao que doutrina magua e sofrimento.

É nela que se eguala o rumo demarcado
Do homem feliz, sincero ou falso,
E do grave senhor solene e douto,
Ao indeciso rumo aventurado
Do modesto infeliz de pé descalço
E de sapato rôto.

Ela é que nos ensina
A avaliar a graça feminina,
Pois, numa pauta justa de egualdade,
Em que ninguem, talvez, a exceda,
Tanto consagra uma mulher bonita,
Numa faustosa exibição de sêda,
Como na simplicidade
De uma blusa de chita.

É ela que acarinha e que consóla,
Numa mesma função aventureira,
A vida desenvolta do que gosa
E a penosa vergonha do que esmóla.

Para o cansaço
Que anula e desconforta,
Do que na Vida, em vôo, luta e moureja,
Ela tem sempre o pequenino espaço
Da soleira da porta
Ou do degráo da Igreja.

Na Rua o sol tem mais seiva, mais côr,
Mais amplo se derrama.
Nela é que nasce o Amôr,
Ela é que faz a fama.

E segue o poeta cantando a historia
da Rua, até que encontra *este pedaço vivo
de alegria, que é a alma integral e sim-
ples do garoto:*

O garoto é pobre,
Nada tem de seu,
Senão o Céu que a Terra encobre
E a Vida que Deus lhe deu.

Mas para o luxo de um viver bizarro,
De liberdades francas e vadio,
Luxo que aos outros sobreleva e excede,
Só deseja e pede
A ponta de um cigarro
E o sonóro direito do assovio.

.....

Continua então o poeta cantando a
sua terra, com a serenidade, de quem faz
um passeio pelas ruas da cidade.

E tem pena das arvores da rua, quan-
do diz:

A arvore da cidade
Não nasceu para lutas
Contra o rude rigor da rude natureza...

Ela é toda tristeza,
Ela é toda saudade
De ninhos e de frutas...

.....

Sejam embora uma inutilidade
As arvores urbanas;
Embora a convenção o encanto
Lhes destrúa
Do pesado vigor das forças soberanas,
Entretanto,
Como ornamentam bem a vida da Cidade,
Como disfarçam bem a tristeza da Rua.

Reparai agora o encanto que o poeta
tinha pelo *Corcovado, trecho de provincia
á beira da cidade...*

Ali a Vida é mansa,
O ar é puro e leve,
Por isso para quem escreve,
O trabalho mental não abate nem cansa.

.....

Para alegrar o rumo das estradas,
Que no prazer das longas caminhadas,
Em pleno sol de Março, alegre, se percorre,
Tem-se o aroma da flôr, tem-se a polpa das frutas
E a agua limpa que corre,
Fresca e sonora pelos aquedutos.

No livro *Outono*, a terra carioca é
tambem endeusada. Dele resalta bem claro
o amôr que tinha á terra em que nasceu.

Foi para ela o seu ultimo canto de amôr:

Que queres tú, oh, minha Terra linda?
De luz que não se acaba e céu que se não finda!
Se orgulhoso prefiro
Tudo que vem de ti,
Tudo que sei que é teu?
E na rude emoção do meu Verso proclamo
A beleza imortal da terra em que nasci,
Em que vivo e que amo!

E, de mais, quem não ama a terra em que nasceu?

Foi assim que o poeta cantou esta linda terra, pouco tempo antes de morrer. Ele sabia que a morte andava por perto e eu bem me lembro e com que emoção, certa tarde sombria, em que ele me disse: *Rodembach*, o teu poeta, disse uma verdade: *on ne s'y trompe jamais quand c'est la mort qui passe...*

*
**

Foi ainda nessa época triste, que Mario escreveu o *Elogio da Cidade*, uma de suas mais belas paginas, hino elevado e meigo, onde ele diz que quem conhece esta linda terra carioca sabe, que ela possui exuberantemente, *tudo quanto merece a sagração do verso.*

Embalemos agora nossa emoção, ao ritmo maravilhoso destes versos que Mario dedicou a este pequeno trecho da terra carioca, sombrio e romantico, onde as velhas arvores, parecem lembrar, ao susurro do vento, toda a sentimental historia da cidade: *O Passeio Publico*.

Calmo jardim fechado e antigo
Que o sol, de leve, aquece,
E em que a sombra é um abrigo
Onde o corpo descansa e o espirito repousa...
Aqui dentro, parece,
Vive um pouco de minha mocidade.
E alguma cousa
Da vida primitiva e ingenua da cidade.

Velho jardim sombrio
Como um parado olhar convalescente...
Quando sobre ti, se espalma
O veludo macio
E a sugestiva calma
Que encerra
A meia sombra do poente,
És o mais triste dos jardins da Terra.

O teu velho recinto
Convida á cisma e ao sono,
E ha qualquer cousa de final e extinto,
No teu cenario vegetal de outono.

.....

• Velho jardim, macio e solitario,
Cheio de evocações do passado, de magoas,
E em cuja fonte

O ritmo da agua
Parece relembrar a dolente lamuria
Dos antigos amôres da cidade.

Jardim de paz, de quietação, de sono,
Sem florações pujantes e vermelhas,
Sem horizontes de calôr e brazas,
Sem o rude rumôr da cidade grotesca,
Agitada, excitante...

Velho jardim de outono,
Trecho feliz de provincia distante
E de impressões serenas,
Onde se ouvem apenas
O adejo das azas,
O zumbir dos abelhas
E o rumôr de agua fresca.

Jardim de ocaso, de ternura e afago,
De indolencia e triste,
De vida interior serena e quieta,
Sem rigores de sol, que o queime e tisne.
Sempre na sombra de um Outono imerso
E onde, eternamente, existe,
Poeta!
Para exemplo e ritmo do verso,
O orgulho de um cisne
E a agua triste de um lago.

*
**

A terra carioca é uma terra feliz: já
teve o seu poeta!

APENDICE

Era pensamento nosso escrever algumas paginas sobre os amigos de Mario Pederneiras, que não foram muitos, mas que foram amigos de verdade.

Preferimos, no entanto, que dois deles falem tambem neste pequeno livro, que é menos critica do que saudade.

Um, *Lima Campos*, foi com *Gonzaga Duque*, o amigo de sempre, o amigo que veio da adolescencia.

O outro *Alvaro Moreyra*, veio depois, alegrar o espirito de Mario, sempre avido de emoções renovadoras.

E para que o leitor possa ter bem idéa da poetica de Mario Pederneiras, procuramos valorisar as paginas deste pequeno trabalho, transcrevendo, na integra, tres das mais caracteristicas e belas poesias do poeta: *Vida simples*, *A Cigarra e a Formiga* e *Lia e Luzia*.

MARIO PEDERNEIRAS

Por este oitavario de sua morte

Eu supunha, Mario, que caberia a ti cantar, um dia, sobre a terra que me tragasse, a beleza embaladora da tua palavra de poeta e, entretanto, é a mim que cabe vir, agora, espargir sobre o teu tumulo, o goivo triste de meu dizer e o lirio humido da minha lagrima...

Um dia levámos, os dois, o Gonzaga Duque a esse mesmo Campo Santo, a esse mesmo jardim de brancos canteiros em que vicejam as preces e florescem cruzes e em que agora tu dormes e ali o depuzemos, Mario, com carinhos de mãe que deita um filho em seu berço... E para a angustia que de lá trouxemos e para a magua de ali o termos deixado, tinha eu o consolo, ao menos, do teu conforto e tinhas tu o do meu, como dois cegos que, tateantes, se buscam, como dois isolamentos que se

casam, como dois solitarios que se ligam...

Agora, porém, Mario, fico-me, eu só, para o aquem da sombria boca dessa sombria caverna por onde vocês se foram, a chamar, a chamar... na ilusão de que o éco das minhas próprias palavras a percussão penetrantes na mudez fria dessa sombra profunda, seja a resposta que, de «lá» vocês dois me dão.

Eu já tinha nesse mesmo claro lugar triste em que ficaste, tanta cruz e tanta lapide... Tenho agora mais uma, que é a tua... Ah! as cruces são bem os marcos da morte a guiarem o caminho da vida!...

E não foi só a mim que deixaste em crêpes de magua e em tenue sombra lilaz e crepuscular de saudades; foi, mais do que a mim, a essa que te era um alicerce e uma cupula, dando-te o apoio e o abrigo para os males e para os desanimos; foi a esse a quem deste um dia, aspergido pela agua-benta de um hissope, no marmore branco de um batisterio, um lindo nome solar para que aquecesse o viver de um brando estio de afetos e foi ás tuas duas pequenas cigarras, como tu mesmo as chamavas, e que cantavam constantes ao redor de ti, o estridulo crepitante de um verão continuamente alegre — e foi, tambem,

a todos os do teu sangue e que foram todo o teu lar, esse suave, risonho lar de que falaste outrora:

«Com cantigas de mar cantando á porta».

E foi ainda, a todos os que a ti se tinham chegado, porque todos te amavam, oh! poeta das cousas mansas e das belezas serenas!...

E mesmo a cidade, e até a cidade, grata de ti, que no encanto dos teus versos, modelaste na plasticidade das tuas rimas o perfil dentado da sua serra, a faixa clara dos seus areais, o espumejo branco da sua orla de aguas, a sua linda paisagem colorida sempre de verde novo e dourada de sol e sem mesmo teres esquecido a sua rua e a sua arvore do asfalto, o seu mendigo, o seu maltrapilho e o seu garoto, chorava-te nesse dia — cantor das crianças e dos pobresinhos!... — no contraste luminoso de um dia lindo, em limpida, em imensa lagrima de beleza e esplendor!... porque foi assim que tu sempre a quizeste ver, porque foi assim que tu sempre a cantaste: na apoteose dos dias luminosos, já em dezembro cheirando a frutos e chilreando cigarras, já:

«Por esse mez de crisantemos brancos
E de Maria!

Vai Mario... Junta-te a Gonzaga Duque... que eu me fico, a esperar que me toque a vez, no imenso, no bendito consolo dessa suave amiga, dessa querida creatura que um bem supremo me deu, a ensinar ás minhas filhas o teu nome e a formosura emocional dos teus versos...

Vai, Mario... que vieste de Deus, para Deus.

Lima Campos.

(Gazeta de Noticias, Fevereiro de 1915).

MARIO PEDERNEIRAS

Mario Pederneiras morreu com um sorriso triste, um sorriso ingenuo, que mais perguntava do que sorria. Não conheceu a morte, talvez, quando a Morte chegou.

Ha oito anos, está dormindo sob a terra carioca, tão arraigada na sua alma, ao amparo das arvores de São João Batista, arvores da cidade ainda, as santas arvores de que ele fôra o poeta devoto.

Aquele puro artista, aquele homem bom, meigo de sonho, coração e nervos, de uma sensibilidade quasi infantil, de uma inteligencia sempre nôva, sempre original, que tanto sofreu e não desesperou nunca, — era a graça cheia de ternura, a ironia comovida, o humorismo otimista. Acolhia na mesma afeição os sêres e as cousas, poisava um carinho em tudo, tudo tocava de uma suavidade consoladora.

O tempo ia seguindo. Mario não envelhecia. Conservava intacto, sereno, o

grande encanto que havia trazido para a vida.

O seu mundo terminava ao fim da sua cidade. E ele a queria inteira, do céu, pelas montanhas, pelo mar, pelos jardins, até a rua.

Para ele, a humanidade não tinha mais que as criaturas do seu amôr e da sua amizade.

O pequeno lar, onde concentrava o seu cuidado, onde a sua ventura morava, era o unico bem que Mario possuia, entre a familia adorada, os amigos e os livros. Não desejou mais...

Um dia, uma visitante estranha veio bater-lhe á porta: e a saudade asilou-se tambem no pequeno lar, a saudade de Yolanda, Lenôra e Maria da Graça, as filhas da sua paixão.

Mas ficára, para acalanto, Helio:

— «E foi ele o primeiro
Que encheu a doce paz desta morada,
Onde vivem amôres a cuida-lo,
Deste nobre prazer sadio e terso,
Que vem do ritmado embalo
Do primeiro berço».

Vieram, mais tarde:

—Lia e Luzia,
Duas lindas cigarras
Que vivem a cantar no meu Outono.

O Outono deu-lhe as ultimas emoções.

Com *Agonia, Rondas Noturnas, Historias de meu Casal, Ao léo do Sonho e á mercê da Vida e Outono*, a obra poetica de Mario Pederneiras andou um caminho de ascensão. O seu verso, de uma simplicidade, de um ritmo só dele, pessoalmente dele, apareceu na nossa literatura, nela permanecerá, inconfundivelmente, a evocar, da vida e do mundo, o que a Vida e o mundo apresentam de calmo, de manso, de modesto.

Mario presentiu que *Outono* seria o seu livro derradeiro. Uma tarde, pouco antes de se ir, pediu a companheira, a quem chamava *Anjo de Bom Augurio*, que lêsse em voz alta, queria ouvi-los, os poemas de *Outono*.

A pagina final é assim:

—«Meia tinta da côr dos ocasos do Outono,
Sonho que uma ilusão sobre a Vida nos tece,
E perfume subtil de uma folha de trevo:
São, decerto, a feição deste livro que escrevo
Neste ambiente de silencio e sono,
Nesta indolencia de quem convalesce.

O meu livro é um jardim na doçura de Outono
E que a sombra amacia

Do carinho e do afago
Da luz serena do final do dia;
É um velho jardim dolente e triste
Como um velho local de silencio e de sono,
Já sem luz de Verão que o doire e tisne,
Mas onde ainda existe
O orgulho de um cisne
E a agua triste de um lago».

Quedou, um longo instante, calado
cismarento. E murmurou depois:

— «Devia chamar-se *O Canto do Cisne*
este meu livro...»

Em prosa, restam de Mario Pederneiras *Cronicas, Bilhetes á Cora, Notas de Bom Humor, Diario das Ruas*, trabalhos esparsos, de impressão sentimental, risos, especies de jornaes da sua alma e da alma da Cidade, imprevistos e espirituais.

A gente moça quer bem a esse poeta.
Nem outra gloria ambicionou ele.

Alvaro Moreyra.

(Do livro: *Cidade Mulher*)

VIDA SIMPLES

A Gonzaga Duque

I

Vão-se as brumas do Sul...
Agora é o tempo das manhãs bizarras,
De muito Sol, de muito azul,
E do estridulo canto das cigarras.

E' o tempo do Sol que tudo anima,
Dessas largas manhãs claras e enxutas
E ainda por cima,
Das flores e das frutas.
Das longas noites que o luar acolhe,
Tão serenas, tão calmas, que parece
Que a alma do mundo inteiro se recolhe
A' bondade católica da Prece.

Com este Céu assim, doirado e fino,
E estas fecundas madrugadas louras,
Eu imagino
A alegria que vae pelas Lavouras.

Ah! quem me dera
Deixar o rumo da Cidade,
E sob a paz de lindos Céos escampos
Passar a vida na serenidade
Desta Primavera
Na largueza bucolica dos campos.

Longe das longas, intrincadas teias
Da agitação que tanto abala e cansa
A Vida industrial de um grande Centro.
Deixar correr uma existencia mansa,
Tão mansa, como se corresse dentro
Do proprio campanario das aldeias.

No remanso de um pouso
Plantado á beira de um caminho olente,
Onde passasse fresco e marulhoso
O filete sonoro da nascente.

E refazendo a Alma —
Livre esquecer dores e males —
Na consoladora calma
Dos montes e dos valles.

Criar meus filhos nesta Vida rude
— Donos do lar e das campinas donos —
Sem luxos e atavios;
Vel-os correr ao Sol e aos frios,
Léstos, alegres a vender saude
E livres como dous colonos.

E como um grande bem silencioso,
Para animar-me para nova lida,
O lindo aféto que o viver me entona,
Dessa amiga leal, dessa que é dona
Da minha vida
E do meu pouso.

*
**

Viver assim, sem luxo e sem as penas
Que a vida farta da Cidade encerra;
Sem ambições e sem fortuna — apenas
Dono de um pouso e de um torrão de terra.

Que a outros a ambição empreste
De ouro e de fausto falsas alegrias,
A mim — que deixe terminar meus dias
Nesta aromada natureza agreste.

Que beleza de azul o Céu invade...
Ah! quem me dera,
Deixar o rumo da Cidade
E ir passar na provincia a Primavera.

II

Nós moramos aqui neste recanto
Silencioso d'enseada...
Nesta velha morada,
Que tem p'ra nós o doce encanto
De ser um velho e carinhoso abrigo
De quasi toda geração dos nossos.

(Para a nobre feição de um feudo antigo
Faltam-lhe apenas
As almenáras, os braços e os fósos).
E aqui, nestas alegres e gozadas cenas
De uma familia pequenina e unida,
Passo o tempo melhor da minha vida.

*
**

Vem conhecer, amigo, esta locanda,
Toda aromada de jardins e horta...
Um jasmineiro em flor sobre a varanda
E cantigas do mar chorando á porta.

Tem uma vista linda...
Fica-lhe em frente
— Numa saudosa, sugestão infinda —
A paisagem mais ampla e mais bizarra,
Pois que dá para a barra
E para o Sol nascente.

Quando o Verão pujante salta
E o seu temido pavilhão desfralda,
Sinto-o daqui, atravez do Sol que escalda
A Terra e os Céos esmalta.

Então é lindo este pedaço
De Terra simples e consoladora,
Com sua doce claridade loura
E a sua rija atmosfera de aço.

Tão limpido é o Céu que até parece
Todo feito de argila
E o mar em brilhos tremulos cintila
— Como se estranha mão de deusa ou fada
Houvesse
Espargido cristais pela enseada.

O Mar fica fronteiro
A' nossa honesta e placida vivenda —
Um Mar de lenda,
Apertado em eterna calmaria
Na mais linda bahia,
Na mais linda, talvez, do mundo inteiro.

Sob a pressão do Sol das Primaveras
Nada ha que lhe abale
A ritmada placidez dos canticos,
Quer embale

— Numa indolencia lenta de cansaço
A delicada quilha das galeras,
Ou o bojo de aço
Dos transatlanticos.

Para a minh'alma de contemplativo
E de sentimental,
Que outro melhor local
Que este doce recanto em que ora vivo?

Faço daqui a minha tenda,
O meu retiro calmo de burguez;
E' por isso, talvez,
Que por aí já corre a extranha lenda
De que hoje o meu viver é bem diverso
Da vida estroina que eu levava,
E até mesmo — que agora eu desprezava
O consagrado culto do meu Verso.

Deixa de lado tudo quanto corre
E dessa forma ironica e discreta
A meu respeito fôr se insinuando,
Pois tu bem sabes que o Poeta
Nasce cantando
E que cantando morre.

Existe apenas esta diferença,
Se hei de trazer ao Verso a dor intensa,
O intenso mal,
Da vida lá de fóra,
Sigo melhores trilhos
E agora
Vivo, para meus filhos,
Rimo os encantos deste meu casal.

Mas, afinal,
Tu não conheces os meus lindos filhos;
Pois vem vel-os que agora este Casal
Tem mais encantos e tem novos brilhos.

Ambos são de Janeiro,
Que é o farto mez do Sol amigo,
O rapaz é trigueiro
E a rapariga é loura como um trigo.

P'ra que da vida o resistente prelio
Possa vencer e dome,
Ao meu rapaz eu dei o nome
Sonoro, claro e vigoroso de Helio.

E seguindo
As velhas normas da galanteria
Que a poesia
Da vida meiga da mulher demanda,
A' minha filha eu dei o lindo,
O doce nome imperial d'Yolanda.

Este é o Casal que a vida me refaz
E que em suma,
Esta morada na ventura abriga,
Dela banindo todo o humano mal...
Assim, é natural,
Que a minha vida agora se resuma
Neste rapaz,
E nesta rapariga.

(Do livro: *Historias do meu casal*)

A CIGARRA E A FORMIGA

Dona Formiga

Pertence á classe das senhoras sérias,
Tem cuidado da casa e do alimento;
Não fala muito, muito pouco briga,
Tudo o que faz é com discernimento
E, enfim, não gosta de passar miserias.

Além de tudo, é de ambições modestas,
Todo o seu bem no seu labor converte
E faz da vida idéas esquisitas...
Não faz visitas
E não se diverte...
Nunca se viu Dona Formiga em festas.

De tanto se ocupar da vida e do futuro
E tornar o labor mais sério e duro,
Chega a ficar grotesca e comica;
Pois mesmo assim, nos amplos e massudos
Livros morais de exemplos e de estudos,
Com que da infancia o estímulo se apura,
Ela figura
Como um solido exemplo de economica.

Trabalha muito no pesado Estio,
Porque receia
Que o Inverno venha acha-la desprovida.
Por isso, quando chega o Frio
E cessa a lida,
Já ela está com a dispensa cheia.

Dona Cigarra — esta coitada!
Não vale nada
Entre as pessoas sérias!
E' a pobre infeliz que dá lições de canto
E que o Verão inunda
Da sua alma de estroina e vagabunda...
Entretanto,
Dona Cigarra, eu sei, passa miserias.

Não tem a minima noção exata
De arranjos economicos de casa,
A propria fama, ás vezes, malbarata...
A fartura que aumente ou diminua,
Que a considere o mundo inepta, incapaz,
Diga que a vida que ela segue é torta,
Pouco se importa,
O que ela quer é o Sol e a Rua,
Porque ela não é mais
Do que um garoto de azas.

E' da boêmia a mais perfeita imagem...
Adora a luz e mora na folhagem...
E tal a vida é e tal a aceita,
Sempre de sonhos e ilusões repleta...
Dona Cigarra até parece feita
Da propria massa de que é feito o Poeta!

Passa o Verão... E o véo do Estio
O tempo sobre o Céu e a Terra corre,

Torna-se a Vida mais penosa e séria...
Dona Cigarra não resiste ao frio
E, coitadinha, morre
E morre quasi sempre na miseria.

Contam que um dia,
Morta do Sol a limpida alegria,
Sem luz para cantar,
Como fizera no Verão inteiro,
Fôra á Formiga, em prantos, implorar,
Um pedaço de pão do seu celeiro...

Como a Formiga, então, lhe perguntasse
Onde se achava
E o que fizera na estação passada,
Honestamente, disse que cantava...
Pois a malvada,
Sem dó da misera mendiga,
Quasi morta de fome e já sem voz,
Numa ironia deshumana e atroz,
Mandou que ela dansasse...

Por isso, é que eu não gosto da Formiga.

(Do livro: *Ao léo do sonho e á mercê da vida*)

LIA E LUZIA

(Cigarras do meu outono)

Ha quanto tempo já se foi o Estio
Com sua luz e suas algazaras;
No entanto,
Ninguém dirá que já vem perto o Frio,
Pois, por capricho ou por encanto,
Na Arvore fronteira
A' modestia feliz da minha Casa,
Duas lindas Cigarras
Cantam a tarde inteira.

Mas... São mesmo Cigarras que ouço agora
Neste suave esplendor do fim do dia?
Oo — quem sabe? — se Lia e se Luzia
Ainda andam lá fóra?

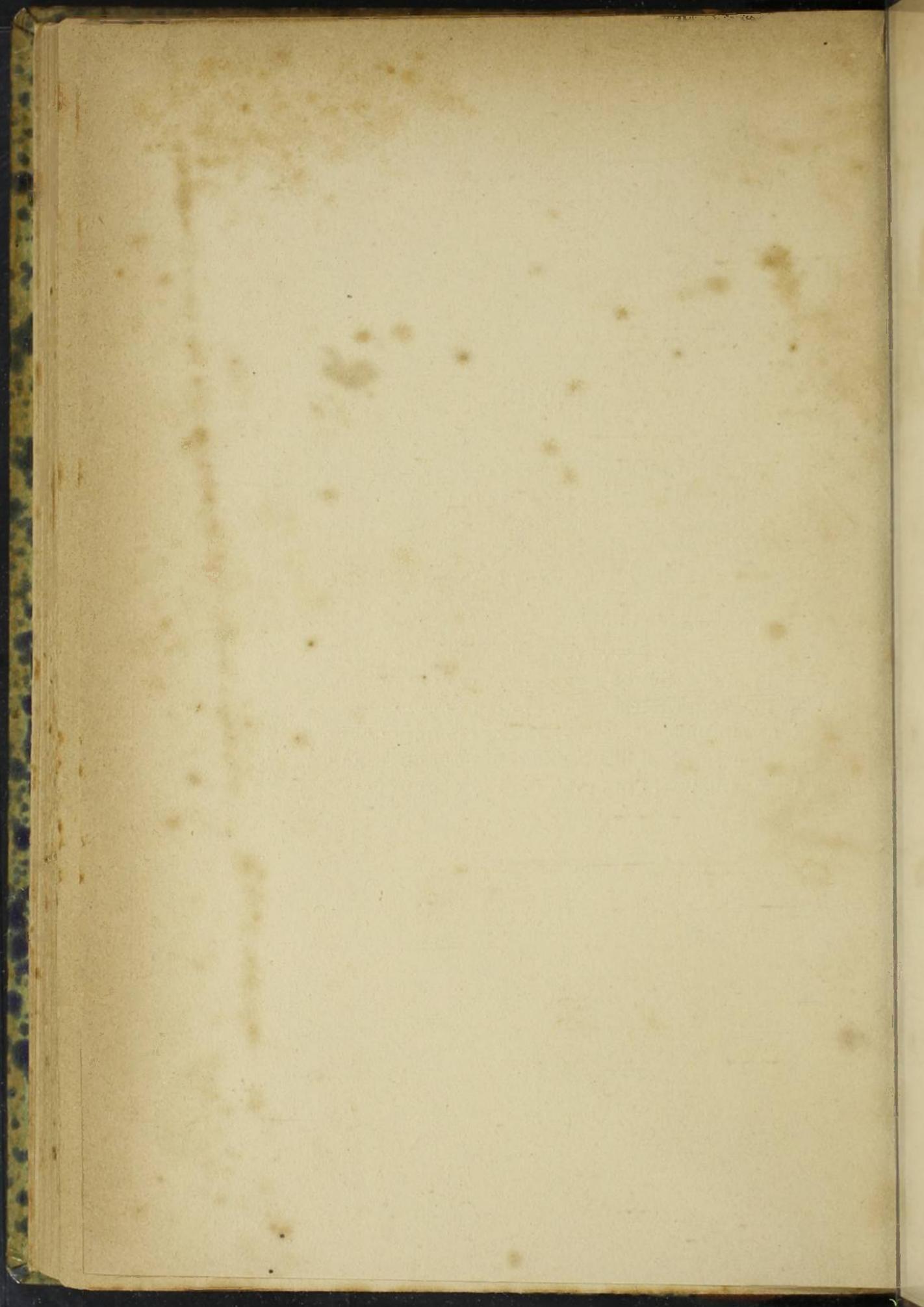
No pequeno recanto em que trabalho
E passo o dia,
Esquecido do mundo rude e falho
E ao goso do meu Verso me abandono,
Ponho-me a ouvir os risos e algazaras
De Lia e de Luzia
— Duas lindas Cigarras
Que vivem a cantar no meu outono —

E a ouvi-las, alegre me concentro...
São elas mesmo que eu escuto agora?
Ou — quem sabe? — meteram-se cá dentro
As vadias Cigarras lá de fóra?

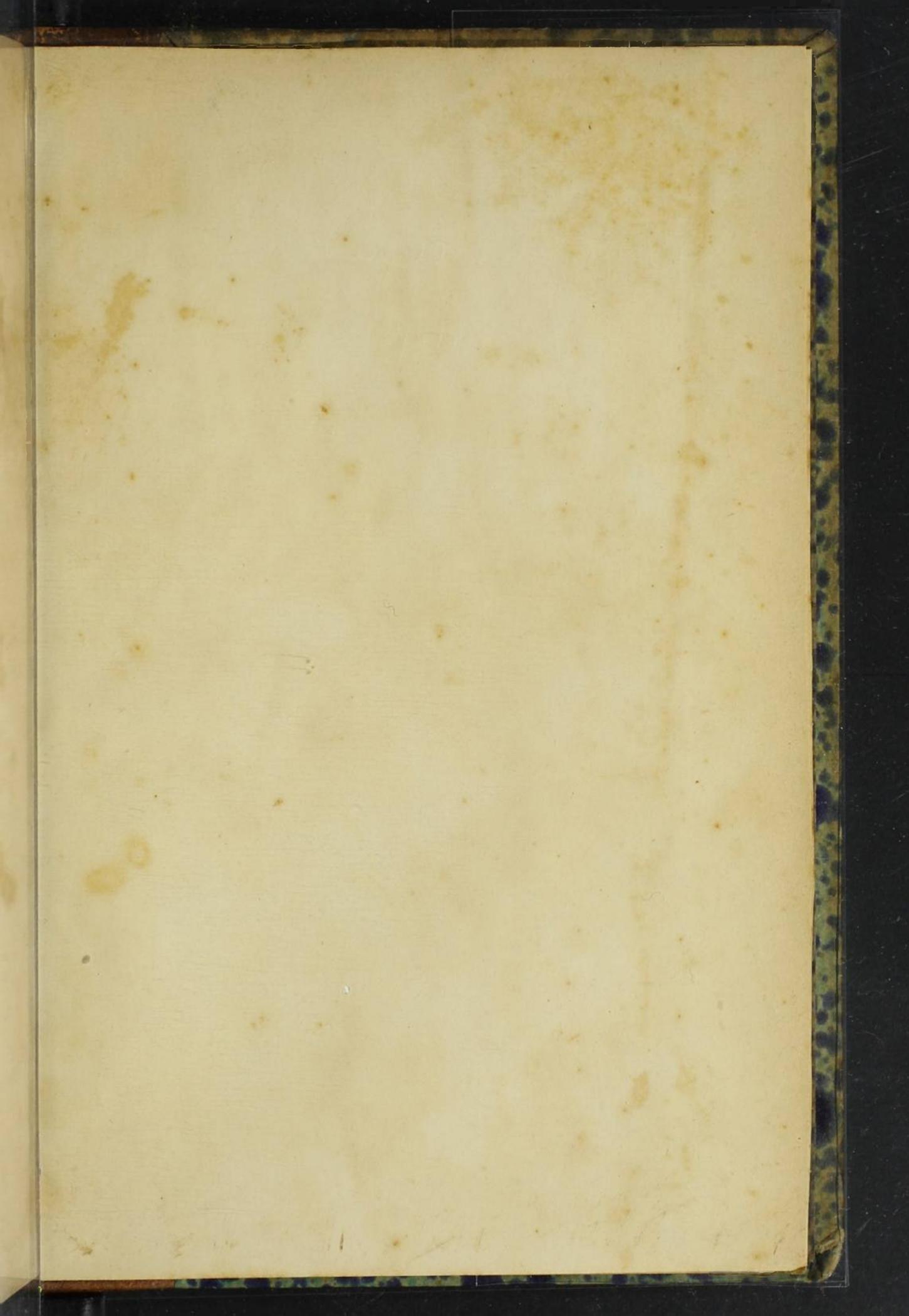
(Do livro: *Ao léo do sonho e á mercê da vida*)

INDICE

Passeio sentimental	11
Um conto de fadas	19
Sinceridade	23
A estréa do Poeta	32
Motivos inspiradores	41
O Canto do Cisne	53
O cantor da cidade	61
Apendice	75
Mario Pederneiras	77
Mario Pederneiras	81
Vida simples	85
A Cigarra e a Formiga	91
Lia e Luzia	95



Este livro que contem 100 paginas,
terminou sua impressão aos seis dias
do mês de fevereiro de mil nove-
centos e trinta e três, no Estabe-
lecimento Grafico Canton & Reile,
á Praça Vieira Souto n.º 3-A, no
Districto Federal.



35.000,-

p/ Dr. Lindlin -

a/c Stefan -

S.P.

Dedicatoria

2277 3

